

SE

TEM ALGUMA IDEIA QUE
LHE PAREÇA FELIZ PA-
RA O BRILHANTISMO DO
NOSSO CARNAVAL,
APRESENTE-A A COMIS-
SÃO.

ANO VIII - N.º 195
JANEIRO

10
1 9 6 0

AVENÇA



QUINZENÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIAO
Tel. 154 - R. Tenente Valadim, 30 - FARO

DIRECTOR
Jaime Guerreiro Rua

EDITOR E PROPRIETARIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Tel. 216 - R. da Carreira, 42 - 44 - LOULÉ



ANO NOVO

Embora a mudança de ano se-
ja mero convencionalismo, pois,
naturalmente, os dias e os fac-
tos se vão sucedendo no mesmo
ritmo, o que é certo é que, no
começo de cada novo período de
365 dias, acrescido de mais um,
de 4 em 4 repetições, nos pare-
ce que a simples passagem da
«folhinha» é capaz de nos trazer
modificações na vida de cada um
e no próprio rodar do Mundo.

E este o primeiro número de
este novo ano que desejamos se-
ja, como antigamente se dizia,
um ano da graça...

Não cremos que, para o nosso
País, ele nos traga qualquer alte-
ração substancial, mas é natu-
ral que certos problemas da crise
mundial se reflitam mais inten-
samente naquilo que é nosso e
nos cumpre salvaguardar.

Estamos a pensar na nossa
África.

Nas vizinhanças da nossa Pá-
tria, nas suas parcelas ultrama-
rinas, ateam-se incêndios que,
em simples desenvolvimento natu-
ral não nos queimariam, mas
temos de contar com a acção dos
incendiários internacionais que
se não poupam a esforços para
nos deitar fogo à casa.

1960 será o ano em que gran-
des coisas podem decidir-se no e
para o Continente Negro.

Mais do que nunca os portu-
gueses deverão manter-se unidos,

pois sempre que assim estivemos,
mesmo pouco numerosos, pode-
mos conduzir Portugal na sua
missão universalista e histórica.
Há que tomar consciência das
nossas responsabilidades de por-
tugueses e que abandonar pro-
selitismos particularistas; que de-
finir posições contra aqueles que,
seja por frio e querido propósito
anti-nacional, seja por pai-
xão ou despeito político, no País
ou fora dele, por palavras ou por
atitudes, fomentem a desordem
ou a traição.

Mientras vive... os mais al-
tos representantes das nações
deslocam-se, pelo mundo inteiro,
(Continuação na 4.ª página)

O sr. Ministro das Obras Públicas de novo no Algarve

De visita aos trabalhos em cur-
so na nossa província, especial-
mente em Lagos e Sagres, deslo-
cou-se mais uma vez ao Algarve
o dinâmico Ministro das Obras
Públicas sr. Eng.º Arantes e Oli-
veira.

Distribuição de prémios aos estudantes

No passado dia 3, no Salão da
Câmara Municipal, teve lugar a
distribuição dos prémios anuais,
instituídos pelo Município, para
galardoar os estudantes naturais
do concelho que mais se distin-
guissem no ano lectivo anterior.

Presidiu à sessão o chefe do
Distrito e fez a oração de sa-
plência o sr. capitão Fausto La-
ginha Ramos, nosso prezado ami-
go e conterrâneo.

Intitulando-a «Pequena excu-
rsão pelo mundo do pensamento»,
o orador evocou o que tem sido
as primeiras actividades do ho-
mem como ambrão da ciência,
em busca do «como?» e dos «por-
quês?», passando em rápida visi-
ta as teorias por que, desde an-
tiguidade, o homem tem procu-

rado explicar a natureza, o Uni-
verso e os seus fenómenos; ex-
pôs as relações entre Filosofia e
as ciências autónomas, especial-
mente segunda a tese tonista,
faz a distinção entre a Filosofia
e a Teologia por chegar à con-
clusão de que, em algumas teo-
rias dos sábios da antiguidade,
se encontram como que a intu-
ição das mais recentes descober-
tas da ciência.

Referindo-se a várias conclu-
sões de história insistiu na natu-
reza espiritual do homem afir-
mou, com Francis Bacon que a
verdadeira ciência reconduz a
Deus e apontou aos premiados a
modestia, a razão recta e a gran-
deza de alma dos verdadeiros sá-
bios. (Continuação na 4.ª página)

O NOSSO CARNAVAL

Em reunião realizada na 6.ª feira, ficaram assentes os
trabalhos preparatórios para a efectivação das Batalhas de
Flores de Loulé-1960, os quais vão ser já iniciados.

O ARQUITECTO MANUEL MARIA LAGINHA

Depõe para «A VOZ DE LOULÉ» acerca do
«Plano de Urbanização de Loulé» de cujo
projecto é autor

— Quer V. Ex.ª dignar-se con-
fiar ao nosso jornal as suas im-
pressões, se possível, relaciona-
das com a Urbanização de Loulé?

Acedo com muito interesse, la-
mentando, no entanto, que a fal-
ta de tempo me impossibilite de
dar a certos pontos, o desenvolvi-
mento que merecem.

Apesar disso, aproveitarei o
ensajo para esclarecer a opinião
pública que, segundo penso, co-
meça a acusar certa perturbação.

Como V. Ex.ª deve saber, os
Serviços a que pertencem foram há
tempo incumbidos, por despacho
ministerial, de elaborar as nor-

mas em que deveria assentar a
urbanização da nossa Vila.

Esta medida de excepção fora
aplicada precisamente no desejo
louvável de acabar com o «im-
passo» já de longa data verifica-
do. Foi assim produzido, em tem-
po quase «record», um trabalho
que os ilustres membros da ve-
reção puderam conhecer em de-
talhe. Por consideração pela opi-
nião pública e permitindo reco-
lher as reclamações que porven-
tura pudesse suscitar, também o
referido estudo esteve exposto no
edifício da Câmara durante 30

(Continuação na 2.ª página)

FOI EXTRAORDINARIAMENTE CONCORRIDA



No dia 30 do passado mês de
Dezembro assumiu as elevadas
funções de presidente da Câmara
Municipal deste Concelho, para
que, como noticiámos fora dias
antes nomeado, o sr. Francisco
Guerreiro Barros, nosso prezado
amigo e conterrâneo e presiden-
te da direcção do Grémio dos Ex-
portadores de Frutos e Produtos

Hortícolas do Algarve.

Dignou-se presidir ao acto o
ilustre Governador Civil do Dis-
trito, sr. Dr. António Baptista
Coelho, que de Faro se deslocou
a esta vila acompanhando o no-
vo presidente a quem muitos lou-
letanos, em mais de uma dezena
de automóveis, foram esperar aos
limites do concelho.

O Salão Nobre da Câ-
mara encheu-se literal-
mente, vendo-se na as-
sistência pessoas de to-
das as categorias e cre-
dos políticos e algumas



O sr. Presidente da Câmara Municipal de Loulé
pronunciando o seu brilhante discurso



Leitura do auto de posse

Loulé e o seu Carnaval

Arte, brilhantismo, beleza e alegria é o cartaz que
LOULÉ apresenta este ano no grandioso e
empolgante espectáculo da «BATALHA DE
FLORES» no seu Carnaval — 1960

O Carnaval de Loulé tem já
uma história com «barbas bran-
cas», como já o disse o bom lou-
letano e jornalista Raul Pinto.

Falar do Carnaval de Loulé, é
falar do Algarve.
Cartaz autêntico da Província
do Sul do País até hoje INIGUA-
LAVEL E AINDA NÃO SU-
PLANTADO, o que a «mul» no-
tável e honrada Vila de Loulé
vem apresentando de há 53 anos
a esta parte.

O «Corso» no seu desfile pela

magestosa Avenida José da Cos-
ta Mealha com as suas batalhas
de flores, traduzem e significam
bem, no que respeita a Arte e
Beleza, o seu valor.

Além da arte e beleza de que
elas se revestem, há, o gritante
entusiasmo e a euforia bairrista-
ta que as tornam em verdadeiras
festas de acentuado cunho artís-
tico onde, o fim é UM SO: «O
Hospital».

(Continuação na 8.ª página)

ADEUS, ALGARVE MEU....

Por Marisabel Xavier de Fogaça

Procurou-me o redactor em
Lisboa da «Voz de Loulé», Luís
Sebastião Peres, um velho luta-
dor neste campo árido e ingra-
to das letras, a pedir que lhe des-
se duas linhas para o seu jornal
por via do seu 7.º aniversário.

Gostosamente acedo — por
amizade para com o Luís Peres
e por simpatia para com o seu e
meu jornal.

O facto de há longos anos ter

saído do Algarve, de ter andado
por aí aos trambulhões dum para
outro lado, para sempre me vir
fixar na minha casinha nesta
Lisboa garrida que adoro, não
me fez esquecer nunca a terra
linda que me viu nascer, uma al-
deiazinha pequenina que mere-
ce dos paradoxos da vida se chama
de Mexilhoeira Grande. Sou por-
tanto uma algarvia aldeã, que

(Continuação na 2.ª página)

Vai em breve iniciar-se

a construção de arma-
zens para recolha de
figos

Comunica-nos o sr. engenheiro
Gouveia Vargues, ilustre delega-
do da Junta Nacional das Fru-
tas em Faro, que dentro de pou-
co tempo vai dar-se início à cons-
trução, em Lagos, do primeiro
armazém para desinsectização e
conservação de figos, dos 4 pre-
vistas no II Plano de Fomento
e cujo ante projecto está a ser
elaborado.

Folgamos com a notícia, pois
assim se começará a trabalhar
na defesa do produtor agrícola
do Algarve.

O nosso número de aniversário

Queremos testemunhar publi-
camente os nossos agradecimen-
tos às pessoas e colegas de im-
prensa que nos endereçaram as
suas felicitações pelo aniversário
do nosso jornal e pela edição es-
pecial que por esse motivo edi-
támos, a qual serviu de pretext-
to para algumas exteriorizações
de apreço para com o nosso mo-
desto quinzenário e que serviram
de lenitivo para as cansaças e
extenuante trabalho que nos deu,
sem outra recompensa que não
fosse a satisfação de pretender-
mos ser útil à nossa terra.

No entanto, alguns não teriam
simpatizado com a nossa inicia-
tiva...

Afim de atendermos a alguns
pedidos que nos foram dirigidos
de Lisboa, informamos que fu-
turamente o nosso jornal poderá
ser adquirido em Lisboa na Ta-
bacaria Mónico-Rossio, onde
também se encontram à venda
alguns exemplares do número es-
pecial.

A Casa do Algarve e o Natal dos algarvios pobres, em Lisboa

A Comissão de Beneficência
da Casa do Algarve, em Lisboa,
de que é seu Presidente o Be-
nemérito e distinto louletano, Dr.
Humberto Pacheco, distribuiu no
passado dia 23, por intermédio do
seu grupo de protectoras as-
sistentes, um auxílio de Natal a cer-
ca de 400 algarvios necessitados,
que receberam entre 40 e 70\$00
cada.

Assistiu à distribuição o sr.
(Continuação na 4.ª página)

saudado pelo sr. Tenente Rafael
Pereira, seu companheiro na co-
missão concelhia da União Nacio-
nal de Faro.

Usaram da palavra os srs. Drs.
José Ascenso e Angelo Delgado,
respectivamente presidentes das
Comissões Distrital de Faro e
Concelhia de Loulé da União Na-
cional, referindo-se ambos à per-
sonalidade do novo presidente do
Município e à forma como haviam
procurado encontrar, para pro-
por para tal cargo ao sr. Minis-
tro do Interior, pessoa à altura
da conjuntura política e admi-
nistrativa do Concelho de Loulé.

O sr. Dr. José Ascenso fez o
elogio dos membros da Comissão

(Continuação na 8.ª página)

Dr. José Correia do Nascimento

Sob a presidência do sr. Dr.
António Baptista Coelho, ilustre
Governador Civil, na reunião dos
procuradores eleitos pelos vários
municípios algarvios foi, este
nosso ilustre conprovinciano, sr.
Dr. José Correia do Nascimento
reeleito para presidir à nova —
chamada agora — Junta Distri-
tal de Faro.

O voto por unanimidade, con-
signado a tão distinto algarvio
para continuar no posto que há
muitos anos vem, com manifes-
ta inteligência e apuro moral,
chefiando a antiga Junta de Pro-
víncia mostra, de maneira incon-
testável, a razão da sua conti-
nuação na direcção dos destinos
provinciais.

O Algarve que conhece bem a
acção do Dr. José Correia do
Nascimento na extinta Junta de
Província deu-lhe o seu VOTO
incondicional para continuar a
Servir, pondo toda a sua activi-

dade e prestígio ao serviço do
seu torrão natal.

Mais uma vez nas funções que
já desempenhava, nós, que sem-
pre tivemos pelo Dr. José Correia
do Nascimento uma admiração
sincera, formulamos os nossos
votos de imensas felicidades e
venturas para que a sua e nossa
Província inteira, possa, constan-
te — dada a sua dedicação pela
causa pública algarvia — obra
meritória nas mesmas trajectó-
rias, quando à frente da antiga
Junta de Província; e desde já,
a «A Voz de Loulé», de maneira
muito leal e espontânea, cumpri-
meita tão distinta figura de Al-
garvio, oferecendo o seu ilimita-
do e modesto préstimo para tudo
quanto de Bom e Útil possa con-
tribuir para o prestígio do NOS-
SO ALGARVE e, de uma mane-
ira geral, para o prestígio do País.

L. S. P.

PARA QUE A BATALHA DE FLORES DE LOULÉ DE 1960 RESULTE EXPLENDOROSA E DIGNA CONTINUADO-
RA DO BRILHO DOS ANOS ANTERIORES, ESPERA-SE A COLABORAÇÃO ACTIVA DE TODAS AS PESSOAS DE BOA VONTADE
QUE QUEIRAM AJUDAR A MANTER A TRADIÇÃO DAS NOSSAS FESTAS CARNAVALESCAS.

O HOSPITAL DE LOULÉ PRECISA E MERECE O VOSSO AUXILIO.

Banheiras de Marmorite

João de Sousa do Nascimento

acaba de receber grande sortido a preços inacreditáveis

Descontos para revenda

Lava louças de todos os tamanhos

e em todas as cores

LOUÇAS SANITÁRIAS

Quartos de banho completos

agora com o excepcional

DESCONTO DE 25 %

ESTÂNCIA DE MADEIRAS

FERRAGENS E DROGAS

Rua Dr. Ataíde Oliveira

(ao lado do Mercado Público)

LOULÉ

Pró Monumento

ao Dr. José Bernardo Lopes

(Continuação da 1.ª página)

to e por isso estou longe de poder criticar.

Quando digo desagregação ou cristalização, não pretendo ferir a susceptibilidade de qualquer dos elementos que a formavam, não só por os conhecer, e os considerar, como também não admitir a existência de um louletano que não visse com bons olhos a justa homenagem que o Médico e Benemérito merece.

Sou, por natureza, adverso a polémicas jornalísticas e como tal, não gostei de alguns artigos que se escreveram acerca do caso, mas também não deixo de reconhecer que foram úteis para o fim em vista.

A ideia de oferecer o «pedicúlo» para o monumento nasceu em mim quando li a exposição do sr. Manuel Guerreiro Pereira (tesoureiro da Comissão) pois coincidiu com a homenagem feita pelos habitantes de Mosca e de Dr. Patácio, cujo projecto foi elaborado pelo meu particular amigo Arquitecto Jorge Costa.

Conversando com ele e com dois canteiros meus conhecidos acerca do seu custo, bem como o valor da pedra aplicada, concluí que se houvesse a oferta desta, a importância indicada na referida exposição seria talvez suficiente para o busto tendo em consideração a oferta da Câmara, do resto do bronze do monumento ao Ilustre Engenheiro Duarte Pacheco.

Quando, porém, li a entrevista do Sr. Dr. Humberto Pacheco

PRÉDIO

Vende-se um prédio em bom estado de conservação, situado na Horta do Curral, com 4 divisões.

Tratar com Américo Ximenes — Rua Pedro Nunes — Campina da Cima — Loulé.

Se quereis ter boas colheitas aplicai adubações perfeitas.

Os adubos **C U F** são dos melhores

Revendedor:

MANUEL GUERREIRO PEREIRA

LOULÉ PORTIMÃO LAGOS

o Centro Consultivo Químico



Industrial, L. da
de FARO, tem o gosto

de anunciar a constituição da sua associada

CONSIL

EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS, L.D.A

Avenida João XXI, 68-A

LISBOA

Telef. 76 29 62 — 76 33 22 — 76 69 43

cujos serviços ficam à inteira disposição da nossa distinguida clientela Algarvia, permitindo um contacto rápido e eficiente com o mercado de Lisboa.

ADEUS, ALGARVE MEU!

(Continuação da 1.ª página)

continua a ser cem por cento algarvia, que continua a falar com o seu sotaque cantante e a pensar com o cérebro cheio de sonhos e ilusões, como todos aqueles que recebem do mar os primeiros sons de poesia e encantamento e das amendoiras em flor a primeira benção de pureza e carinho. Não contam as lutas nem os anos. Não contam as tristezas nem a nostalgia dum bem que não se chegou a atingir. Quando se é algarvio temos no sangue o sonho e no coração um verso sempre a cantar. Talvez por isso o Algarve começa e acaba numa poesia, e traz de Lagos a Vila Real de Santo António uma pleiade de valores em seu redor. Nem todos são grandes como no passado o foram Bernardo de Passos ou João de Deus. Nem todos são grandes no presente como o genial incomparável Júlio Dantas... Mas destes pequenos, quase desconhecidos, em quem ninguém fala, de quem ninguém fala, que lutam pelas firmas pequenas, pelas repartições do Estado, pela rua, pelo pão nosso de cada dia, quantos valores, quantos! Valores que nascem e morrem envolvidos em sonho, casacos coçados, olhos famintos dum bem que nunca chegaram a viver!

Creio que o algarvio que tanta fama de lutador e aventureiro tem, no campo das letras acobarda-se um pouco. Ou talvez nem seja cobardia mas apenas indiferença pela vida e pelo que os rodeia, alma posta mais alto mar da sua luz pela terra em que vegetam...

Mas eu não queria ao começar estas poucas e simples linhas falar propriamente dos que, recebendo de Deus um dom, dele descuram esquecidos que, ninguém tem o direito de delatá-los, aquilo que por graça do Alto recebemos. Não interessa não chegar ao cume da glória nem da fama nem da riqueza, não interessa colher louros ou enóclios, não. Interessa é procurar elevar acima de nós mesmos e das nossas vãs paixões humanas o ideal que vive nas nossas almas, interessa sim é dar aos outros, aquilo que por graça de Deus havemos recebido. E nós, os que escrevemos, pouco e mal embora recebemos uma herança maravilhosa do Criador. E os algarvios, mais do que outros quaisquer, merecem o cenário que lhes serviu de berço, merecem a nostalgia que lhes vive no peito, merecem o próprio atavismo que lhes corre no sangue, tem em si fontes inextinguíveis de valor, de nobreza e de idealismo.

Aprecia-se melhor esse valor, essa nostalgia e esse atavismo lendo atentamente a imprensa regional. Em todas as Províncias, os jornais locais são na maior parte das vezes fonte de consulta comercial e ensaios de novatos articulistas com pretensões a escritores. No Algarve, rico de publicações jornalísticas, os jornais comportam prometedores ensaios e verdadeiras obras primas de literatura. Nomes conhecidos, valores indiscutíveis, enfileiram-se nas colunas dum jornal ao qual, anónimo que começa já. Rendilhada e fina prosa ao lado do anseio da alma dum novo que promete. Páginas de puro estilo ombreado com poemas que envergonham por vezes os discursos dos poetas. E assim o Jornalismo no Algarve, e daí a luta através dos anos, e daí a coragem que é necessária para subir até aos 12 meses de vida num jornal e aos 24 e aos 48 e por aí a fora. Raras vezes sucede, apesar do espírito tendente às lides das letras, o Jornal que se aquenta por aí além. Singrando, deve-o à tenaz luta de meia dúzia de dedicados, à compreensão de poucos, e à colaboração dos amigos que muitas vezes longe não o esquecem porque ele val, sempre persistentemente também, visitando-o, levando-lhe da sua terra o afago da dedicação e o perfume da saudade. Eu sei por mim o

que sentia de doce e consolador, quando em terras de África distante, recebia o quadrado pequeno que nem já cheirava a tinta fresca, mas que contudo continha, para mim, o odor das flores da minha terra, a brancura das amendoiras do meu Algarve, a palavra da saudade do que pensava não voltar a ver...

Tem sido imenso o caminho percorrido nas letras algarvias. A imprensa regional tem uma obra vasta e proveitosa que hoje nada destruirá. Conta com amigos valiosos e o público reconhece-lhe as vantagens e a necessidade. Como a rádio e a televisão, como o cinema, a imprensa é um dos órgãos mais valiosos de repescagem de vida, de ideias, de beleza.

Vai a todos os lares e é visto por todos os olhos. Leva de um para outro a verdade, a vida, a saudade...

Quem faz jornalismo, quem tem na alma a gama do verdadeiro jornalista deve mesmo compenetrar-se de que os seus artigos devem conter essas três grandes palavras que acabei de escrever — Verdade, Vida, Saudade!

Quem escreve para um público homogêneo mais do que para outro qualquer, deve ser pródigo em distribuir vida que é beleza e bondade, em dizer simples e humanamente a verdade que é bem a virtude e em buscar na saudade do passado a fortaleza e o exemplo do presente.

«A Voz de Loulé», que por cá anda em terras algarvias há 7 anos, fez dessas três palavras o seu lema — e por isso aqui está, ombreado-se já com os melhores jornais algarvios, fazendo parte do grande grupo dos bons Jornais da minha terra.

Estamos todos de parabéns por isso. Um Jornal algarvio, deve-se aos filhos da terra que o lançou e pertence-lhe e é obra sua, e é porta-voz dos seus anseios, das suas alegrias e das suas tristezas.

«A Voz de Loulé» não ficará pelo caminho. Continuará singrando velas enfunadas, vida acima, no mar belo e azul da compreensão dos seus leitores e tornar-se-á maior, e chegará a velhinho, tal como agora criança, com a mesma fé e o mesmo ideal.

Aqui ficam os seus parabéns ao seu Director sr. Dr. Jaime Guerreiro Rua. Não pare. Parar é morrer. Mesmo depois da morte eu creio que se deve caminhar... caminhar até junto de Deus...

E se conta o sentir dum algarvio que se honra do seu Algarve, se conta a amizade dum algarvio que nunca esquece a linda Província que a viu nascer, se a minha palavra pode ser escutada por aqueles como eu algarvios e como eu de parabéns pelo dia de hoje, deixem-me dizer baixinho como reza uma oração, numa prece sentida de alma, duas palavras mais: — SALVE «VOZ DE LOULÉ»! ADEUS, ALGARVE MEU!

Lisboa, Natal 1959

Marisabel Xavier Fogaça

VINHOS



Garantia de qualidade

PIANO

Compra-se um piano em bom estado.

Nesta redacção se informa.

O Arquitecto Manuel Laginha

fala à «A VOZ DE LOULÉ»

Projecto que conferiu ao Arquitecto Manuel Laginha o «Prémio Municipal de Arquitectura», instituído em 1959 pela Câmara Municipal de Lisboa.



(Continuação da 1.ª página)

dias. A natureza das objecções que lhe foram apresentadas autoriza desde já a conferir-lhe uma geral aceitação. Porém, ao ser ouvida uma entidade do Estado, que seria descortez nomear, surgiu uma opinião divergente, num único ponto, mas com importância considerada fundamental.

Em face disso, foi a seguir organizada uma réplica que ainda não obteve resposta, muito embora tenham decorrido largos meses, durante os quais tem sido solicitada repetidas vezes.

Aqui tem V. Ex.ª, pois, a explicação acerca da demora do antepiano, bem diferente, sem dúvida, da que algumas pessoas mal esclarecidas, ou não, tem divulgado.

— E quanto às dificuldades levantadas, entretanto, à aprovação dos projectos?

Um preceito legal determina que os Serviços a que pertencem prestem assistência técnica à Câmara Municipal, enquanto o antepiano não tiver obtido aprovação superior. Não lhe direi que a Câmara consiga o resultado das suas consultas na volta do correio, mas posso assegurar-lhe que da parte de quem compete tratar do assunto, tem havido o melhor desejo de bem servir o interesse geral e de evitar atrasos e favoritismos.

De qualquer maneira, reputo do maior interesse focar que apesar daquele estudo não estar ainda concluído e aprovado, a Vila mantém a quase totalidade da área urbana potencialmente aberta à iniciativa do Município e dos municípios. A sujeição às consultas da praxe, em nada afecta, pois, as suas possibilidades de progresso.

Sob a forma de estudos parciais, o Município e os municípios podem encetar o aproveitamento dos terrenos abrangidos naquele estudo orientador. Por exemplo, a urbanização dos terrenos do Campo da Feira é um ponto por onde a acção municipal poderia já ter-se iniciado neste capítulo.

Muito embora a urbanização da Vila não tenha encontrado as circunstâncias mais favoráveis à consecução, do seu antepiano, uma certa estagnação existente no meio, quanto a mim, deve-se menos àquele facto, do que ou-

tros fenómenos complexos e profundos, de certo, merecedores de atenta reflexão.

— Na verdade, Sr. Arquitecto, o progresso urbano de Loulé não parece ter sido muito acentuado nestes últimos tempos, comparado, com a de outras localidades da nossa Província. A que atribui esse facto?

— Não se deve desligar a observação, de uma análise às raízes do fenómeno, até porque, do seu conhecimento pode resultar o esforço colectivo que lhe dê a cura.

O problema, como diria De la Palisse, cifra-se neste binómio: A própria realidade geográfica e económica (a riqueza do solo, o clima, a proximidade do primeiro centro da Província, etc., etc.) e a capacidade do Município e dos habitantes para vencer as dificuldades que se lhe apresentam.

Para o nosso Concelho, eminentemente agrícola, o progresso tem provocado uma alteração no tipo de relações económicas com a Sede. O apetrechamento dos sub-centros, entretanto formados, permitiu um abastecimento mais directamente ligado aos grandes centros. Mas, longe de se dever obstar a esta evolução natural, há que encontrar uma adaptação às realidades, criando novas actividades e novas fontes de energia, para além do fácil mercantilismo, tão arreigado aos hábitos das nossas gentes.

Creio, que em volta do Município que compete congregar esforços para o aproveitamento dos valores existentes, na aquisição de uma nova seiva (dos quais não excluo, evidentemente, o nosso proverbial baillarismo).

Na falta de condições naturais para se aproveitar em pleno a onda de turismo que parece agora avizinhar-se da nossa Província, penso que, a Escola Técnica pode ser considerada um bom ponto de partida, para uma melhor valorização do Artesanato e da Indústria.

A sapataria, a empreita e outras actividades ligadas à nossa agricultura, e ainda a exploração mineral (águas minerais, gesso, argila e cimento, etc.) são exemplos colhidos ao acaso de formas de actividades que poderiam ser tentados entre nós em novos termos.

Os horizontes do nosso pequeno meio precisam, de facto, de ser abertos pelas portas da imaginação, da iniciativa e da cooperação. Nesse aspecto é que a crise, quanto a mim terá de ser vencida.

Faço, por isso, votos sinceros por que, em muito curto prazo, assim suceda, para proveito e orgulho dos que aí habitam e para agrado também dos que, embora labutando fora, não podem alhear-se do poderoso «virus» com que um dia foram marcados por nascimento, ou por convivência.

L. S. P.

Caixa Regional de Abono de Família

DO DISTRITO DE FARO

AVISO

A Caixa Regional de Abono de Família do Distrito de Faro avisa todos os seus antigos contribuintes, abrangidos pelos recentes Contratos Colectivos de Trabalho dos Empregados de Escrição e dos Caixeiros do Distrito de Faro homologados por Sua Excelência o Ministro das Corporações em 1 de Novembro último, e inscritos nos Organismos Corporativos neles intervenientes, que não devem continuar a enviar-lhe as contribuições para o abono de família, mas sim para a Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio, pela qual já se encontravam abrangidos pelas modalidades de previdência.

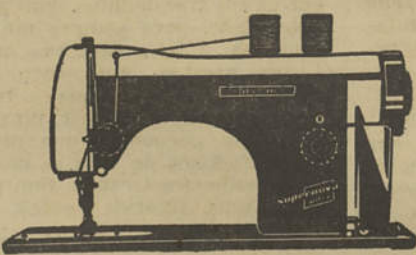
Informa mais que, para evitar escusados contratempos aos beneficiários, ainda quanto ao mês de Novembro os abonos serão pagos por ela na forma habitual, aos que, ainda indevidamente para ela contribuíram e se encarrega de, junto da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio, regularizar o que se torne necessário quanto a contribuições recebidas e abonos processados.

Não poderá, porém, tal prática vir a ser repetida por quanto os processos dos beneficiários que, desde 1 de Novembro, por força daquelas convenções de trabalho se encontram abrangidos pela C. S. P. C. tanto nas modalidades de previdência como de abono de família, foram já transferidos para a referida Instituição.

Mais se esclarece que o prazo de pagamento para a C. S. P. P. C. termina a 10 de cada mês e não a 20 como para esta.

A DIRECÇÃO

NECCHI



AGENTE

EM LOULÉ

Francisco M. Faísca

RUA DA CARREIRA, 3

A última palavra em Máquinas de Costura

ALGARVE EM LISBOA

Coordenação do nosso redactor LUÍS SEBASTIÃO PERES

Dr. Júlio Dantas

«A obra de Júlio Dantas, príncipe reinante das letras portuguesas, representa, como uma vasta Catedral, toda a literatura de um século».

Gustavo Barroso

Escritor, dramaturgo, médico, diplomata e político; nasceu em Lagos. Fez os seus primeiros estudos no Colégio Militar; concluindo os preparatórios, tirou no Liceu de Lisboa as cadeiras de grego e alemão, então exigidas para o curso que escolhera.

Frequentou a Escola Politécnica e Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, tendo completado o curso médico em 1899, e, logo no ano seguinte fez Acto Grande. Nunca fez clínica profissional, a não ser nos Hospitais.

Foi Comissário do Governo junto do Teatro D. Maria II, em 1906. Dois anos depois foi eleito sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa e sócio efectivo em 1913.

O seu prestígio impunha-se a tal ponto que, em 1921 foi eleito presidente da Classe de Letras e Presidente da Academia no seguinte, lugar para o qual foi reeleito várias vezes. Em Outubro de 1932 foi eleito sócio de mérito.

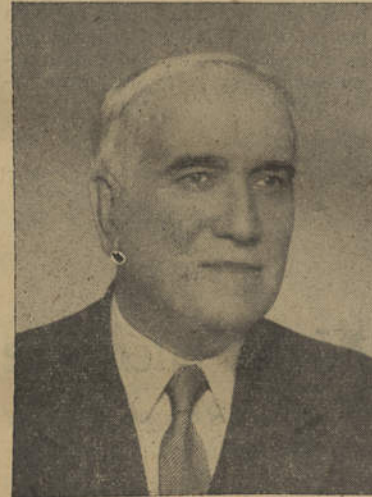
Orador eloquentíssimo, diplomata e homem de Estado, soube orientar-se admiravelmente, com

Dr. Humberto Pacheco

Muitos são, hoje, os valores louletanos em Lisboa e dentre eles, conta-se a prestigiantes figura do nosso conterrâneo Dr. Humberto José Pacheco.

Ao falarmos dos louletanos em Lisboa, cometeríamos uma imperdoável injustiça, se não arquivássemos nas colunas do nosso jornal, no jornal da sua terra (que ele muito quer), algumas palavras justas e merecidas, e elas de agradecimento pelo muito e valioso que tem feito por Loulé, e pelo nosso Algarve.

Espírito despojado, dinâmico, infatigável batalhador pelos problemas da sua terra natal; alma aberta às belas iniciativas, benemérito de reconhecida generosidade, colocando-se como tal, em lugar cimeiro, na «Casa do Algarve», que foi um dos seus fundadores e, mais tarde, a grande «alma» na sua reorganização, indo até ao sacrifício da sua vida e bolso particulares, socorrendo-a com importâncias elevadas para que não desaparecesse do tablado regionalista, este núcleo algarvio.



Na Comissão de Assistência da «Casa do Algarve» de que é seu lido Presidente, o Dr. Humberto Pacheco, é um elemento de proeminente valia, de uma operante actividade para que, todos os anos, pelo Natal, os algarvios pobres que vivem em Lisboa, tenham a sua «consoada», distribuindo-se donativos em dinheiro, vestuário e calçado e em géneros vultuosos importâncias, contemplando muitas centenas de com-provincianos nossos.

Todo o Algarve e toda Lisboa sabe das benemerentes actividades de tão prestigiosa figura louletana em defesa da causa Regionalista da Província Algarvia.

Tem sido um exuberante pioneiro do regionalismo algarvio e um dos mais dinâmicos dirigentes da «Casa do Algarve».



Arnaldo Martins de Brito

Uma glória do ALGARVE!

O poder da sua vasta erudição, nunca deixando de dar todo o seu esforço na defesa da unidade e brilho da Língua Portuguesa.

Foi professor e Director da Secção Dramática do Conservatório e o de Inspector das Bibliotecas Eruditas e Arquivos.

Ministro quatro vezes: duas em 1920, sobraçando a pasta da Instrução Pública e outras duas sobraçando a pasta dos Negócios Estrangeiros. Na diplomacia ocupou lugares de relevo, onde a sua acção foi notável. Foi membro da Câmara Corporativa e do respectivo Conselho da Presidência. Jornalista vigoroso, sendo valioso a sua actuação nos inúmeros jornais e revistas onde colaborou.

Escritor português de nomeada, alcançando as suas edições

(Continuação na 8.ª página)



Hermenegildo Neves Franco

Na Casa do Algarve faz-se um esforço constante e conscientemente orientado para a realização plena dos seus objectivos dominantes: regionalismo, cultura e assistência. Transparece isso das suas maiores realizações e, sobretudo, das actividades mais rotineiras da colectividade.

Este, o permensor que mais impressiona na Casa do Algarve.

PARA A HISTÓRIA — Em 8 de Março de 1930 foi fundada a Casa do Algarve, graças, sobretudo, ao entusiasmo e trabalho do Major Mateus Moreno e do Dr. Humberto Pacheco. Foram primeiros presidentes: Dr. Sousa Carrusca, da direcção; e General Teófilo da Trindade, da assembleia geral.

Desde então, foram presidentes da direcção, sucessivamente, o Prof. Paulo Nogueira, o Dr. Guerreiro Murta, o Dr. Armando Ferreira de Almeida e o Major Mateus Moreno, que vem desempenhando o cargo nos últimos sete anos.

Ocupam, actualmente, o cargo de presidentes na assembleia geral e no conselho fiscal, os srs. Conselheiro João Bernardino de Sousa Carvalho e António Libânio Correia, respectivamente.

SÓCIOS COM ACÇÃO RELEVANTE — Desde sempre, a Casa do Algarve teve muitos sócios dedicados e sacrificados. Entre eles, é justo salientar os srs. António Libânio Correia, J. A. Honrado, Coronel Sande Lemos e J. Agostinho Fernandes, grandes beneméritos; José Raul da Graça Mira e sua esposa, D. Raquel Maria da Graça Mira, que, no campo da assistência, têm desenvolvido ambos um esforço digno do melhor relevo, gastando anualmente mais de 20 contos; Major Mateus Moreno, actual presidente, principal elemento da fundação e grande regionalista; e Hermenegildo Neves Franco, também dirigente actual e uma figura sempre presente desde as primeiras horas.

OBRAS REALIZADAS — Em 1952, por iniciativa da Casa do



Maestro Pavia de Magalhães

A PROPÓSITO

Como prometeramos, damos hoje à estampa as notas biográficas de mais alguns dos nossos comprovincianos residentes em Lisboa que, por circunstâncias várias, não foi possível incluir no nosso número especial de aniversário.

Bem se esforçou o nosso incansável colaborador Luís Sebastião Peres por fazer mais e melhor, mas nem o tempo de que dispunha nem as condições adversas, lhe permitiram ir mais além.

Da longa galeria de algarvios que fixaram a sua residência em Lisboa e que merecem da sua inteligência, força de vontade, espí-

rito empreendedor ou pelo seu trabalho, conseguiram vencer nas artes, nas letras, na diplomacia, nas profissões liberais, no comércio, na indústria ou em muitas outras actividades, há evidentemente muitas centenas que não conhecemos e de quem, portanto, não poderíamos falar.

Há ainda muitos outros de cujas actividades não foi possível colher elementos biográficos o que evidentemente não significa que tivessem ficado esquecidos. De resto, não tivemos nem poderíamos ter a pretensão de seleccionarmos valores, nem tão pou-

(Continuação na 10.ª página)

A Casa do Algarve

De entre as numerosas casas regionais existentes em Lisboa, julgamos poder afirmar que a nossa é das que maior prestígio disfruta na Capital e das que mais intensa actividade tem desenvolvido no sentido de corresponder aos fins para que foi criada.

Por isso, a «Casa do Algarve» não podia ter ficado esquecida no número especial que dedicámos aos nossos comprovincianos residentes em Lisboa, embora em ligeiros apontamentos, mas cuja pequenez fica recompensada pela página que hoje inserimos, por só agora dispormos de tempo e espaço suficientes.

No artigo que aqui transcrevemos do «Diário Ilustrado», de 5 do corrente, e que é um resumo da história e actividades da «Casa do Algarve», faz-se referência aos seus primeiros dirigentes e aos que, ajudando-a, tornaram mais ampla e eficaz a acção desenvolvida pela nossa casa regional e por isso parece-nos oportuno arquivar nestas colunas os nomes dos actuais membros da Direcção, que tanto se têm esforçado pelo progresso da colectividade e da nossa querida província e cujos principais cargos estão confiados aos srs.:

Major Mateus Moreno, Presidente da Direcção; Dr. Maurício Monteiro, Vice-Presidente da Direcção; Hermenegildo Neves Franco, 1.º Secretário da Direcção e Presidente da Comissão de Propaganda e Turismo; Dr. Humberto Pacheco, Presidente da Comissão de Assistência; Conselheiro Dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, Presidente da Assembleia Geral; Dr. Domingues Garcia, Presidente da Comissão Cultural; Dr. João de Sousa Carrusca, Presidente do Conselho Superior Regional; Maestro Pavia de Magalhães, Presidente da Comissão de Festas; António Libânio Correia, Presidente do Conselho Fiscal; Arnaldo Martins de Brito, Vice-Presidente da Comissão de Festas; Bartolomeu Guerreiro, Tesoureiro da Direcção e Jerónimo Gregório Marcos, Secretário-Caixa da Comissão de Beneficência. Assim, nos nomes dos actuais dirigentes da «Casa do Algarve», prestamos as nossas homenagens de congratulação pelos êxitos alcançados por quantos, desde 1930, se vêm esforçando por manter em Lisboa o «Lar do Algarvio».

A PRINCIPAL DIFICULDADE da Casa do Algarve:

— De 25 mil naturais residentes na capital, apenas 1.200 são membros da prestimosa instituição

Algarve, efectuou-se o II Congresso Regional do Algarve, com o qual se iniciou a grande campanha para a construção do monumento ao Infante D. Henrique em Sagres, reunindo-se, então, os primeiros elementos de convicção.

No campo da cultura, além de frequentes conferências — uma média de cinco por ano — e da publicação regular do Boletim Informativo «Algarve», estão editados os vários estudos algarvios: *Sagres e o Infante*, *Património Cultural Árabe-Algarvio*, *Portimão*, *S. Gonçalo de Lagos*, e *Do logotipo de Olhão à Vila do Olhão da Restauração*. Está no prelo, *Teixeira Gomes e a reacção antinaturalista*, de Urbano Tavares Rodrigues.

Em 1952 foi prestada uma grande homenagem ao Dr. Júlio Dantas, sócio honorário da Casa, realizando-se uma exposição de toda a sua obra.

A biblioteca pode, também, considerar-se um dos mais valiosos serviços da Casa do Algarve. Tem catalogados mais de 2.000 volumes, com uma secção especial de autores algarvios.

Mas o grande trabalho realizado por esta prestimosa colectividade é, sobretudo, aquele a que podemos chamar «de rotina», sobretudo no que se refere à beneficência. Todos os algarvios necessitados que a ela recorram são atendidos.

ACÇÃO NO ULTRAMAR — Começa a tomar incremento a influência da Casa do Algarve no Ultramar português. Existem já, filiais suas em Lourenço Marques, Manica e Sofala e Mocimões, as quais se mantêm fiéis ao espírito de unidade e regionalista que caracteriza a casa-sede.

ASPIRAÇÕES E OBJECTIVOS DOMINANTES — Promover, cada vez com mais eficiência, o desenvolvimento turístico da província e a defesa da economia agrícola do Algarve.

PRINCIPAIS DIFICULDADES — O reduzido número de



Dr. Maurício Monteiro

sócios (1.200) para a quantidade de algarvios residentes em Lisboa (25.000); a falta de aderência da juventude e os pesados encargos com licenças para as actividades associativas da colectividade.

PRÓXIMA ACTIVIDADE — Vai abrir brevemente o II Exposição Fotográfica de Motivos Algarvios, que reunirá mais de 200 trabalhos de 30 concorrentes.

SEDE — Todas as dependências da sede — biblioteca, sala de leitura, «bar», sala de jogos, salão de festas, secretaria e diversos gabinetes — se encontram decorados com motivos algarvios com predominância dos aspectos típico e histórico. As instalações estão arrendadas por 3.500\$00 mensais.

Éis um pequeno resumo, nada em relação com a grandeza do mérito da actividade desenvolvida pela Casa do Algarve.

(Do «Diário Ilustrado»)

INSCREVER-SE SÓCIO DA «CASA DO ALGARVE» E UM DEVER DE TODO O BOM ALGARVIO.

Engenheiro Sebastião Ramirez

É vasta e bem notável a obra realizada pelo ilustre Deputado pelo Algarve, sr. Engenheiro Sebastião Garcia Ramirez, quando Ministro.

Algarvio pelo coração, industrial e abastado proprietário. Fez os seus estudos secundários no Colégio Militar e concluiu depois o curso de Engenheiro de Máquinas, no Instituto Superior Técnico.

Foi Ministro do Comércio, Indústria e Agricultura, desde 5 de Julho-932 até 1933, tendo gerido depois desta data a pasta do Comércio e Indústria até Janeiro de 1936.

Exerceu de 1930 a 1932 o lugar de Director da Associação Industrial Portuguesa; de vogal da Comissão Executiva da União Nacional; de Delegado de Portugal à Assembleia Geral da Sociedade das Nações, em 1937 e de Presidente da Missão Económica ao Brasil, em 1938.

Deputado da Nação à Assembleia Nacional desde 1934, da

qual foi seu Vice-Presidente em duas legislaturas.

Como Ministro do Comércio e Agricultura realizou obra notável, tendo sido um dos organizadores dos primeiros grêmios, consórcios e institutos, criados em Portugal.

Promulgou as bases sobre o condicionamento da importação de óleos minerais e produtos destilados, etc.

É agraciado com a grã-cruz da Ordem Militar de Cristo; grã-cruz de Isabel a Católica (Espanha), grã-cruz da Ordem de Leopoldo da Bélgica e grande oficial da Legião de Honra (França).

A sua grande dedicação à causa da Igreja, mereceu da Santa Sé, a alta distinção do grau de Cavaleiro da Ordem Equestre do Santo Sepulcro em Jerusalém e foi alvo de grande distinção pontifícia: Cavaleiro Grã Cruz (Magna Crucis).

Parlamentar ilustre, que, em defesa dos altos problemas do Algarve que muito digna e inteligentemente representa, tem tomado posições de relevo, erguendo a sua voz, honra, sobremaneira, a sua província, servindo-a desinteressada e carinhosamente, onde gosa de elevado prestígio e onde o seu nome é respeitado.

ALMIRANTE

Guerreiro de Brito

Figura de prestígio da Marinha de Guerra Portuguesa.

Nasceu na cidade de Silves, em 19 de Dezembro de 1895.

A sua distinta carreira de oficial da Armada teve começo em 1 de Setembro de 1913, ano em que assentou praça na Escola Naval como aspirante de marinha.

Fez a primeira Grande Guerra. Comandou vários navios, entre os quais, alguns da Fiscalização de Pesca no Algarve.

A sua carreira de militar foi feita quase toda nas nossas possessões Ultramarinas, tendo sido promovido a Contra-Almirante em 1951.

Actualmente desempenha as funções de Chefe do Estado Maior da Armada.

Possui, entre outras condecorações, as de: Cruz de Guerra, Ser-



viços Distintos, Mérito Militar, e as Grã Cruzes da Ordem de Aviz e do Mérito Naval de Espanha e, ainda, a Comenda da Águia Romana com Espada.

Tem publicado inúmeros trabalhos de valor militar. Publicou também um valioso trabalho sobre o atum: «Pesca do Atum», em 1935.

Como conferencista, são inúmeras as que têm realizado, tendo sido a de maior valor e apreciação internacional, a que realizou em Paris, no Colégio NATO, sobre: «A situação Militar de Portugal».

O Algarve, sente-se orgulhoso em ter por seu filho figura de relevo e prestigiantes da Marinha de Guerra Portuguesa, que bastantes e valiosos serviços já tem prestado à Nação.

Silvense ilustre que muito quer ao seu Algarve, terra que constantemente visita.

Nos nossos assinantes

que estão em atraso com o pagamento das suas assinaturas muito agradecemos o favor da sua pronta liquidação, pois de contrário seremos forçados a suspender a remessa do nosso jornal.

Visado pela Com. de Censura



Jerónimo Gregório Marcos

LOULE' EM LISBOA

Maria Campina

Distinta pianista e ilustre louletana

Tão grande é a colónia louletana nesta maravilhosa capital do Império Português que se nos torna impossível assinalar todos os valores e figuras de relevo que aqui trabalham e fixaram a sua vida. Para tão extenuante trabalho não só seriam precisas muitas folhas de papel de jornal, como levaria muito tempo e nem assim ficaria completo. No entanto, pelas figuras que procuramos focar, pode-se ter uma ideia do que Loulé conta em Lisboa.

Hoje, vamos falar de uma outra figura desta vila algarvia que há anos reside na capital. Trata-se de um valor na Música — a distinta e exímia pianista Maria Campina.

Terminado o seu curso de Piano, no Conservatório Nacional de Música, de Lisboa, com a alta classificação de 20 valores, em 1933, na classe do professor Varela Cid, Maria Campina obteve, nesse mesmo ano, o prémio Rodrigo da Fonseca; o prémio do Conservatório e o prémio Rey Colaço.

São assim três prémios obtidos por mérito absoluto. Um ano depois (em Maio de 1934) concorreu ao prémio Beethoven instituído por Viana da Mota e ganha-o em brilhante concurso público, executando as difíceis sonatas 106 e 111 de Beethoven.

Com mais este prémio ficou detentora de todos os prémios do Conservatório.

Tem actuado nas seguintes Emissoras: Nacional, Rádio Clube Português, Rádio Renascença, Regional da Madeira, Rádio Nacional de Espanha e Rot-Weiss-Rot da Áustria.

Depois de ter frequentado em

A Casa do Algarve e o Natal dos algarvios pobres, em Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

Coronel Sande Lemos, Presidente Honorário da Comissão de Assistência.

O Rev. P. João Soares Cabeçadas fez uma prática antes de se proceder à entrega das consoadas aos necessitados algarvios, que receberam além de dinheiro, roupas, calçado e conservas.

Esta distribuição este ano atingiu a apreciável importância de 18.000\$00, produto de donativos recolhidos dos algarvios ricos e remediados que quiseram que o Natal dos seus compatriotas não fosse mais necessitados fosse mais alegre e consolador.

Digna de realçar a acção desenvolvida pela Comissão de Beneficência a que preside uma boa alma de algarvio — o nosso conterrâneo Dr. Humberto Pacheco.

Honra lhes sejam a todos os que nesta Campanha intervieram.

—oo—oo—oo—oo—oo—oo—

Por 7\$50 semanais

Pode V. Ex.ª adquirir um ferro eléctrico automático na casa José Guerreiro Martins Ramos — Rua de Portugal, 29 — Loulé.

—oo—oo—oo—oo—oo—oo—

Boas Festas

Tiveram a gentileza de endereçar cumprimentos de Boas Festas ao nosso jornal, o que penhoradamente agradecemos as seguintes entidades:

Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, Chefe e funcionários da P. I. D. E., Direcção da «Casa dos Rapazes», Sociedade Filarmónica Artistas de Minerva, Sociedade Filarmónica União Marçal Pacheco, Conselho de Administração da CIESA, e os srs. Dr. José António Madeira, Hermenegildo Neves Franco, Hermano do Nascimento Baptista, Modesto Leal Viegas, Joaquim Lobo de Miranda Trigueiros, Arnaldo Martins de Brito, José dos Santos Stockler, Jaime Murteira, Joaquim Correia de Brito, António Bengalinha Marum e a sr.ª D. Joaquina de Sousa Ramos.

—oo—oo—oo—oo—oo—oo—

Pedimos

a todos os nossos assinantes residentes no estrangeiro, Ultramar ou localidades onde também não há serviço de cobranças, a especial fineza de nos remeterem a importância das suas assinaturas, o que desde já muito reconhecidamente agradecemos.

Eng. s-ivicultor

Manuel Gomes Guerreiro

O Eng.º Manuel Gomes Guerreiro, que na s-ivicultura portuguesa tem lugar destacado é, louletano de gema.

Conferencista distinto que, integrado no ciclo «Estudos Económicos e Sociais», tem proferido no País inúmeras conferências sobre os Serviços Florestais e Aquícolas, salientando-se, dentre eles, a que proferiu em Abril de 1954 na nossa «Casa Regional» sob o tema: «O Ordenamento agro-profissional da Província do Algarve».

Tem elaborado notáveis estudos sobre a arborização do Algarve.

Perito exuberante na matéria de s-ivicultura portuguesa, da industrialização e comércio dos frutos secos do Algarve e da valorização dos sapais.

É funcionário superior da Direcção-Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas.

Maria Odele Leonardo da Fonseca

(Continuação da 6.ª página)

num Almanaque do Algarve), como organizando «Horas de Arte» sobre o folclore, as belezas e a poesia do nosso lindo e encantador Algarve.

Afirmou-se também uma distinta jornalista.

Foi uma das figuras da colónia algarvia em Lisboa, que maior impulso deu à ideia de fazer confraternizar nesta cidade, os antigos Mestres e Alunos do Liceu de Faro, agitando, assim, o seu sonho de que o nome de João de Deus voltasse ao Liceu que ela frequentou.

Em 1951, a convite da Câmara Municipal de Oihão, realizou nesta Vila uma Conferência, registando-se uma das maiores enchentes na Sala da Recreativa Progresso Olhanense.

Em 1953, como distinta olhanense que é, e admiradora dos heróis seus conterrâneos, lançou a ideia de se comemorar em Lisboa os: «50 ANOS DE OLHAO», realizando-se essas festas com farta concorrência da colónia olhanense da Capital e arredores.

Muito considerada na «Casa do Algarve», da qual é membro do Conselho Superior Regional e também das Comissões Culturais e de Beneficência.

Indústria de panificação

(Continuação da 10.ª página)

Desde que deixa de haver padarias, caseiras, o pão passa a ser fabricado com todos os preceitos higiénicos, como era de desejar, pois os operários são sujeitos a inspecções médicas periódicas e a fiscalização incide sobre as farinhas e as massas, assim como sobre a marcha do fabrico e tem várias exigências, para que o pão saia sempre saboroso. Nas grandes padarias de Lisboa e Porto e naquelas que resultam de concentração de unidades dispersas, como já existem nalgumas cidades, vilas e aldeias do Algarve, a lei exige a existência de uma câmara de fermentação, para que esta operação seja feita num período de tempo determinado e, daí, resulte um pão mais saboroso, que o público come com muito mais agrado.

No que respeita à concentração da indústria de panificação acima referida, iniciada com a publicação do decreto n.º 31.545, de 30 de Setembro de 1941, o recente dec-lei n.º 42.477, vem apoiar a ideia primitiva, exigindo até para elas, os mesmos requisitos que a lei exige para os estabelecimentos das grandes cidades — dando-lhes, porém, como compensação, que os estabelecimentos a montar de novo só o possam fazer, nas aldeias, quando estejam situados além de 5.000 metros dos que já existem.

Na administração das sociedades por quotas das concentrações de padarias verificam-se, por vezes, dificuldades, resultantes da falta de preparação contabilista e jurídica dos associados.

A. P.

António Pedro Advogado.

Em LOULÉ

a partir de Janeiro de 1960

Augusto Maria

Domingues Bolotinha

Augusto Maria Domingues Bolotinha é, entre os muitos valores louletanos na Capital, o mais novo.

Filho do nosso amigo e dedicado colaborador deste jornal, sr. Augusto César Bolotinha, está a singrar no campo artístico que abraçou, de maneira notável, merecendo da crítica elogiosas referências.

Dentro do seu ambiente artístico de redutor-plástico maquetista, tem realizado trabalhos de exuberante valor, firmando-se como uma artista de grandes qualidades, prevendo-se que a sua carreira atinja uma craveira de primeiro plano, como é de justiça esperar-se.

Muitos têm sido já os trabalhos que este jovem artista tem apresentado em público.

Ultimamente — e isso deve enche-lo de brio profissional e de satisfação para seus pais — foi encarregado de elaborar a maquete do Jardim-Escola de João de Deus, que se pensa construir na capital algarvia.

Além deste, outros trabalhos tem sido encarregado de fazer.

Num meio ingrato para as Artes como é o de Lisboa, «considera-se uma lança em África» a operante actividade desenvolvida por tão simpático jovem louletano.

Apetecemos-lhe as maiores felicidades na carreira que, para honra do Algarve, já ocupa hoje posição bem marcante.

(—)(—)(—)(—)(—)(—)

O ALGARVE

e os descobrimentos

O Instituto de Alta Cultura ofereceu à Junta de Turismo de Quarteira, os 2 volumes do «ALGARVE E OS DESCOBRIMENTOS», da autoria do Dr. Alberto Iria Júnior, Director do Arquivo Histórico Ultramarino. Repositório dos principais factos sociais e económicos do Algarve, na Idade Média e Moderna, muitos deles encontrados pelo seu autor na Torre do Tombo, livros das relações municipais algarvias, etc., merecendo ser lido por todos os que se interessam pelas actividades dos nossos antepassados.

Indústria de panificação

(Continuação da 10.ª página)

Parecia que, neste caso, o Grémio dos Industriais de Panificação, devia chamar os sócios e orientá-los sob o ponto de vista legal e moral, e dentro desta orientação, evitar que as leis das sociedades por quotas possam ser sofismadas. E isto não é difícil, porque os Grémios possuem todos os elementos para bem se desempenharem desta missão.

Um dos problemas que torna mais difícil a vida das industriais de panificação nas aldeias é a concorrência desleal que umas fazem às outras, vindo de uma freguesia vender pão a outras freguesias. Ora, isto pode ser evitado, por resolução do Conselho Geral dos Grémios de Panificação, ao abrigo da sua lei orgânica. Já sucede isto mesmo nas áreas dos Grémios da Panificação de Lisboa e Évora, parecendo que o de Faro caminha para lá.

Em resumo: o decreto-lei n.º 42.477, acima referido, se, por um lado, veio dar liberdade de montagem às novas industriais de panificação, veio, por outro lado, dar-lhe tais exigências que, sómente de uma completa união de esforços e entendimentos, os pequenos capitais nelas empregados poderão tirar algum lucro — e não sóssobrar.

Têm a palavra os homens de boa-vontade.

Como muito bem disse o senhor Secretário de Estado do Comércio, num dos seus recentes discursos, o pior inimigo do pequeno comerciante ou industrial, é o pequeno comerciante ou industrial vizinho — do lado.

A. P.

António Pedro Advogado.

Em LOULÉ

a partir de Janeiro de 1960

Rosa Soares Cabeçadas

Nascida na freguesia de São Clemente (Loulé) em 22 de Setembro de 1914.

Fez a sua educação no Instituto Feminino de Educação e Trabalho, hoje denominado Instituto de Odontologia.

Em 1937 começou a sua vida profissional dando entrada no Ministério da Marinha por meio de concurso de provas públicas.

Em 1943 concorreu ao Ministério da Educação Nacional, onde ingressou na categoria de aspirante. Sempre por meio de concursos ascendeu à categoria de primeiro oficial e desde 1949 que foi chamada a prestar serviço no Gabinete de Sua Ex.ª o Ministro da Educação Nacional.

A par da sua vida profissional tem servido a Igreja nos quadros de Acção Católica.

Em 1937 ingressou na JOCF, e apaixonou-se por esse movimento salvador da juventude operária, nascido no coração da Bélgica sob o impulso duma alma sacerdotal — Padre Cardijn — que soube compreender e amar a juventude operária que cada vez se afastava mais da Igreja.

Na JOCF desempenhou os cargos de presidente de secção, presidente local, presidente diocesana do Patriarcado, tesoureira e secretária geral.

Em 1950 deixou a JOCF para passar à LOCF e aqui também tem passado por todos os planos, desde a secção até ao plano nacional, pois exerceu durante 4 anos o cargo de Presidente Geral.

Colaborou nos jornais e folhas de estudo dos referidos organismos, orientou dezenas de cursos de formação no Patriarcado e nas diferentes Dioceses, promoveu colónias de férias e passeios, na ansia de ajudar a salvação da família operária.

Tem procurado servir dentro da sua capacidade — Deus, a Pátria e a Família.

—x—x—x—x—x—x—



TRINCHEIRA 'AQUÁTICA'

A marca que se impõe em todo o País.

As melhores criações da moda em tecidos de alta novidade, para

HOMEM, SENHORA e CRIANÇA

Preços especiais para revenda

Representante em Loulé:

João Martins Rodrigues

Av. José da Costa Mealha, 41

—oo—oo—oo—oo—oo—oo—

VINHOS

MURTA

Garantia de qualidade

—oo—oo—oo—oo—oo—oo—

TERRENO

VENDE-SE terreno para construções, na Avenida José da Costa Mealha.

Informa este jornal.

A Casa Vargas

AGRADECE A GENTILEZA

DA PREFERENCIA COM QUE

FOI DISTINGUIDA PELOS

SEUS ESTIMADOS CLIENTES

DURANTE O ANO DE 1959 E

DESEJA-LHES AS MAIORES

VENTURAS PARA 1960.

LOULÉ

Dr.ª Maria Lizita Calíço

É com imenso prazer que arquivamos nas colunas deste Número especial, dedicado especialmente à colónia louletana, a presença de outra distinta filha de Loulé que, entre tantas outras, nesta capital vem exercendo a sua actividade profissional, com brio e dignidade.

Das suas notas biográficas pouco conhecemos, mas basta saber que se trata de uma natural da mui Nobre e Honrada Vila de Loulé.

Nascida a 30 de Outubro de 1930, fez o seu 3.º ano liceal no Colégio Infante D. Henrique, em Loulé, terminando o curso em Faro, no Liceu Nacional.

Coimbra — a Lusa-Atenas — recebeu a caloiira louletana D. Maria Lizita Rodrigues Calíço onde, obteve com elevada classificação, a sua licenciatura, em Medicina, em 1957.

Formada médica regressou a Lisboa por onde se deixou ficar, concorrendo aos Hospitais Cívis, na sua especialidade — Análises Clínicas, funções que actualmente exerce, naqueles estabelecimentos de Assistência.

—oo—oo—oo—oo—oo—oo—

Ano Novo

(Continuação da 1.ª página)

em viagens de boa vontade, assumindo atitudes de chefia pessoal dos seus povos que, até há pouco, pareciam impossíveis no campo ocidental.

Mas como nestas coisas há sempre duas partes, a boa vontade de uma não é suficiente, a menos que, passando os limites de boa vontade, desça ao plano das demissões.

Felizmente as vontades boas do lado ocidental tem sido firmes, embora fingindo ignorar alguns crimes do parceiro-adversário.

Mas a golércia, o sofisma sorridente aqui e a brutalidade descarada além, não tem sido suficientemente desmascaradas pelo menos. Como podemos contar com a boa vontade e o respeito por quem está livre, por parte do carrasco que mantém, amordaçados, nobres prisioneiros, como a Hungria, a Polónia e tantos quantos lhe caíram na tela!?

A simples mudança da «folhinha» não altera a sequência dos dias nem o encadeamento dos factos mas... vamos também naquela espécie de superstição esperançosa que, no começo de cada ano, nos faz acreditar numa mudança geral.

Deus escreve direito, às vezes por linhas tortas. Esperemos, pois, que neste ano da graça muita coisa se esclareça, se clarifique; que as consciências se iluminem com a verdade e os homens se decidam segui-la, com boa vontade sincera e firme, para que o Mundo caminhe, com segurança e em paz, para uma vida melhor.

J. R.

—oo—oo—oo—oo—oo—oo—

?

Não se interroque

SEMPRE que necessite de trabalhos tipográficos em qualquer género, devesse confiá-los à **Gráfica Louletana — Loulé.**

—oo—oo—oo—oo—oo—oo—

Máquinas modernas

Tipos novos e elegantes

Meticulosa execução

—oo—oo—oo—oo—oo—oo—

ALGARVE EM LISBOA

Marisabel Xavier de Fogaça

Natural da freguesia de Mexilhoeira Grande — Portimão.

Fez os seus estudos em Faro. Há 19 anos que iniciou a actividade literária com o livro de contos «Amendoeiras em Flor».

A obra até hoje tem 32 publicações afora a colaboração em grande parte dos jornais do País, continente e ultramar, nomeadamente em Luanda no «Comércio» e «Tribuna Literária», da Província da Angola.

Foi funcionária do Estado durante 11 anos. Vive em Lisboa há 18. Viveu 3 anos em África onde regressou há 4 meses para vir ocupar o lugar de secretária da Administração na firma NO-CAL em Lisboa onde se encontra presentemente. (Nova Empresa de Cervejas de Angola). Em África teve sempre a sua vida profissional de empregada, e um programa no Rádio Clube de Angola sobre mulheres ilustres, falando sempre do *Algarve e Alentejo* — as duas províncias irmãs e dos seus valores.

Também no Continente realizou algumas conferências nos Centros da FNAT.

Apesar de nunca ter publicado versos, visto que o livro que se anuncia ainda não saiu, contudo têm em variadíssimos programas da rádio sido declamados poemas da sua autoria.

Damos a seguir a descriminação das obras vindas a lume, — algumas delas já esgotadas — que bem patenteia a operosa actividade literária da nossa illustre comprovinciana:

«A Plebeia com alma de Rainha»; «Destinos»; «Eu não sabia...»; «O segredo de Tervangne»; «Pequenina!...»; «Negrita de olhos verdes»; «Almas sem Deus»; «Um marido... a presta-



ções»; «Herdei uma mulher!...»; «Manuela — 6.ª edição»; «Toupeiras Humanas» — 3.ª edição; «Amor Diferente»; «Comediantes»; «Katia, Cigana ou Princesa?»; «O Oitavo Mandamento»; «Dénys»; «Mulheres sem sexo»; «Cristiana e eu»; «Não sei quem sou!»; «Versos» — a sair.

Contos: «Amendoeiras em Flor»; «A Lei de Deus»; «Psciu... Jesus vai contar»; «História Maravilhosa do Pastor Mineiro»; «História Maravilhosa do Príncipe Pastor»; «A Vingança de Mert»; «Escutem... que vou contar»; «A Princesinha Bago de Milho»; «A bota do Tio André»; «A Força dos Fracos» e «Assim nasceu o Algarve...».

L. S. P.

Francisco Camarada Martin

Outro filho dilecto da sotaventina Vila Real de Santo António que, na capital, pelos seus mérito e qualidades de trabalho venceu.

Concluiu o seu curso liceal em Faro no ano escolar de 1931/32, frequentou um Curso Universitário no Porto e Lisboa.

Nesta última cidade fixou a sua residência em 1942, integrado no quadro administrativo da Comissão Reguladora do Comércio de Metais.

Desde 1947 que exerce a profissão bancária no Banco Português do Atlântico onde, depois de uma carreira relativamente rápida, ascendeu ao lugar que hoje ocupa de Secretário da Administração deste conceituado estabelecimento de crédito.

Brilhantíssima pois, a sua carreira profissional, obtida por mérito próprio e pelas suas exuberantes qualidades profissionais, qualidades essas, muito apreciadas e que valorizam imenso a sua personalidade de Bom Algarvio que é.

Manifesta pela sua terra natal um carinho muito especial, acompanhando com muito interesse, o desenvolvimento da pombalina Vila Real de Santo António.

Votado à causa do Desporto, exerceu vários cargos directivos, sendo o último que lhe conhecemos, o de Presidente da Direcção do Club Desportivo do Banco Português do Atlântico, que há pouco deixou.

Entre a colónia da sua Província é muito estimado e considerado.

Actividades da Casa do Algarve

A Direcção da Casa do Algarve deliberou:

Saudar o deputado pelo Algarve, sr. coronel Sousa Rosal Júnior, pela sua intervenção, na Assembleia Nacional, a favor da solução de vários problemas da economia algarvia, dentre os quais os da alfândega;

Felicitar o escritor sr. Dr. Jaime Cortesão, pelo invulgar brilho da sessão da Casa do Algarve em que foi proferida a sua recente conferência sobre o Infante D. Henrique;

Registrar os donativos de 1.000\$00 e 10.000\$00, feitos, respectivamente, pelos srs. major Nascimento Moura e António Libânio Correia, a favor da construção, em Faro, de um Jardim Escola João de Deus;

Louvar a Comissão de Beneficência da agremiação e o seu grupo de protectoras assistentes, na pessoa do respectivo presidente, sr. Dr. Humberto Pacheco, pelo êxito do último «Auxílio do Natal» distribuído aos algarvios necessitados residentes em Lisboa, num montante que excedeu vinte mil escudos, incluindo dinheiro, roupas, calçado, agasalhos e conservas;

Convidar o erudito investigador infatigável, sr. Dr. Alberto Iria, vogal da Delegação do Algarve para as comemorações henriquinas, a realizar uma conferência na Casa do Algarve sobre o tema: «Sagres, a Vida do Infante e a Ermida de Nossa Senhora de Guadalupe».

J. B.



José Barão

Um vilarealense que, pela sua vincada personalidade, tem grande merecimento simpático e é largamente considerado em Lisboa, tanto no jornalismo, profissão que abraçou de muito novo com grande entusiasmo, como no convívio social, sendo um dos mais conhecidos e populares algarvios entre a nossa colónia na Capital.

Muito novo ainda dirigiu em Vila Real de Santo António o jornal «Os Novos», fixando depois residência em Lisboa onde trabalhou para vários jornais antes de se empregar em «O Século», de que é hoje um dos mais antigos e considerados redactores, como o prova o facto de ser habitualmente designado para fazer as reportagens das visitas ministeriais e das mais importantes cerimónias oficiais.

Uma vida inteiramente consagrada ao jornalismo profissional, sem nunca esquecer a sua sempre querida terra natal — Vila Real de Santo António — e o seu Algarve, de cujos interesses e aspirações tem sido um acérrimo e intransigente defensor.

O seu amor à sua e nossa província levaram-no a fundar, há 3 anos, na ridente e progressiva vila pombalina, o excelente semanário «Jornal do Algarve», que dirige com superior critério e grande entusiasmo, apesar dos múltiplos afazeres da sua vida profissional em «O Século».

Assim, graças ao seu espírito de iniciativa e dinamismo, a imprensa algarvia conta com um jornal que muito a honra no País e tem sido um forte baluarte na integerrima defesa dos seus legítimos interesses.

Por mais de uma vez tem sido membro de direcções da Casa do Algarve, em cujas actividades se tem feito sentir o seu espírito empreendedor, outrotanto acontecendo na «Casa da Imprensa» de cuja direcção é membro.

Um digno representante do Algarve na Capital.

CONVERSANDO

com Maria de Fátima Bravo

UMA ARTISTA ALGARVIA



mas notas biográficas de um dos mais novos valores algarvios do Cinema, da Rádio e da Televisão, nome já conhecido dos palcos e bastidores dos nossos teatros e «boites», a lacobrigense Maria de Fátima Bravo, de seu nome completo — Maria de Fátima Bravo Santos.

Nome que, pelas suas qualidades de trabalho honesto e desejo de vencer, conquistou o público lisboeta, pois que Maria de Fátima Bravo tem já o seu público.

Nascida no mês de Maria, a 13 de Maio na cidade de Lagos, logo a sua inclinação para a Arte se manifestou aos 9 anos, recitando e cantando em Festas de família.

Depois de ter feito o seu 5.º ano liceal em Lagos, veio para Lisboa acautelando o seu grande sonho de: ingressar nas Belas Artes, sonho que não viu realizado devido a ter falecido seu pai.

A vida em Lisboa era dura e sem o apoio do seu maior sustentáculo, que era o seu progenitor, teve de empregar-se, conseguindo-o num Laboratório. Com vocação para o desenho, fez desenhos animados, foi dactilógrafa, telefonista e arquivista e, por fim Teseuriera.

A luta a que se entregou para garantir o seu sustento e de sua

(Continuação na 9.ª página)

Maria Keil do Amaral

D. Maria Keil do Amaral é de Silves, filha de industriais corticeiros, ligada por laços matrimoniais ao distinto Arquitecto Francisco Keil do Amaral.

Depois de ter tirado o curso na Escola Industrial de Silves, onde foi aluna do Mestre Samora Barros, veio para Lisboa em 1928, matriculando-se nas Belas-Artes, onde cursou desenho e pintura com elevada classificação. Após o curso em 1933, dedicou-se à pintura, arte que sempre a entusiasmou, levando-a a expor em exposições individuais, no S. N. I. e nas Belas Artes, os seus primeiros trabalhos — 1936-42.

Animada pela crítica vai mais longe, entrando nos domínios da azulejaria e decoração de móveis, alcançando triunfos sobre triun-

fos, nas exposições na «Galeria de Artes», «Pórtico», à Rua da Misericórdia.

É um nome consagrado, tanto na pintura como nos azulejos desenhados e móveis artísticos.

Maria Keil, admirável pintora, desenhando azulejos veio dar um inestimável contributo às artes decorativas portuguesas.

Angola sentiu também o seu valor artístico, quando expôs em Luanda, em 1955, merecendo da Imprensa angolana as mais elogiosas referências, o que lhe valeu ter ali vendido todos os seus trabalhos.

O Algarve deve sentir-se orgulhoso por contar no número dos seus filhos, valores do quilate de a nossa comprovinciana D. Maria Keil do Amaral.



Joaquim António Nunes

Portimonense de gema, muito dedicado às letras, levou-o a escrever a monografia sobre a sua terra, a nável cidade algarvia — Portimão.

O estudo deste algarvio das lendas e hipoteses sobre a origem da cidade, a sua história e a sua evolução social, cultural, económica, política, eclesiástica e turística, tudo foi aprofundado com cuidado e amor, merecendo o seu trabalho ser editado pela Casa do Algarve.

O nosso comprovinciano Joaquim António Nunes dá-nos, ao lado de informações sobre antiguidades ilustres e de factos que constituem o panorama espiritual da sua terra, dados estatísticos minuciosos sobre a vida de um dos mais importantes centros urbanos piscatórios e industriais do Algarve.

Funcionário muito competente da Administração do Porto de Lisboa, onde desempenha, há muitos anos, as funções de fiel de Armazém, é, entre a grande colónia algarvia em Lisboa, um elemento de valor.

Jornalista, pois contam-se muitos trabalhos seus publicados na imprensa diária e periódica.

Na sua «Casa Regional» tem, por várias vezes, desempenhado diversos cargos directivos.

L. S. P.



José Campos Rodrigues

Este nosso conterrâneo, conceituado comerciante da praça de Lisboa, nasceu em 1901, contando hoje 58 anos.

Desde muito novo tem feito sempre a vida do comércio, pois que também os seus pais foram comerciantes.

Em 1936, empregou-se como viajante e colaborador da firma, quase secular, que nessa data era dos mais antigos Armazéns de Fazendas do País — «VAL DO RIO & C.ª», na Rua dos Douroadores, n.º 69 e Rua da Vitória, n.º 20, em Lisboa.

Em 1944, oito anos depois, na qualidades de empregado antigo

da firma e sabendo que os proprietários da mesma desejavam abandonar a vida comercial, este nosso amigo propôs-se negociar a aludida casa comercial e tomar conta dela.

E assim, com um grupo de amigos, hoje seus sócios, tomaram o referido Armazém de Fazendas, a quem deram a denominação de: ARMAZENS VAL DO RIO, Ltd.ª, ainda situada no mesmo local e um dos mais acreditados do País, estendendo as suas transacções não só pelo Continente, mas também para as Ilhas Adjacentes e todas as nossas Províncias do Ultramar.

Toda uma vida ao serviço do comércio é, aquela que o nosso prezado conterrâneo José Campos Rodrigues tem levado, desde que deixou a sua Loulé.

É grande o prestígio que goza nos meios comercial e bancário da Capital.

Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio

Sede: Alameda de D. Afonso Henrique, 82 - LISBOA

AVISO

Para os devidos efeitos se informa que, por despacho de 1 de Novembro de 1959, de S. Ex.ª o Ministro das Corporações e Previdência Social, foi alargado o âmbito da Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio, na modalidade de Abono de Família e com efeitos a partir da data do despacho, a todas as empresas do distrito de Faro que já se encontram abrangidas em Previdência.

O montante das contribuições mensais deverá ser calculado à taxa de 20,5% sobre o total dos ordenados ou salários pagos, discriminada da seguinte maneira:

Empregados ou assalariados 5,5%
Entidade patronal 15 %

Não obstante a Caixa ir remeter às empresas as necessárias instruções, todos os pedidos de esclarecimentos à sede da Caixa, serão prontamente satisfeitos.

Lisboa e Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais do Comércio, 2 de Janeiro de 1960.

O Presidente,
(a) Alberto Monteiro

União de Camionagem de Carga, Limitada

— LOULÉ —

Transportes de Carga para todo o País

Rua Padre António Vieira

Telefones 22 e 140

LOULÉ

Delegação em LISBOA

Rua dos Douradores, 1 e 14 Telef. 36878 8



KNITAX

a MÁQUINA DE TRICOTAR de fama mundial e a única premiada com MEDALHA DE OURO

Sem peso nem réguas; o trabalho não encolhe nem deforma; assenta em qualquer móvel; executado canelados, ponto inglês e ponto pérola sem chapa dupla, ficando o trabalho sempre à vista.

Trabalha a cores sem lãs pelo avesso

Faz duas ou mais peças ao mesmo tempo

Tem 10 gradações para qualquer fio de lã, seda.

algodão, rafia, fios metálicos, nylon, etc., etc.

TRES MODELOS DISTINTOS

A prestações mensais, desde 78\$00

AGENTE CENTRAL:

JOSÉ DA COSTA MARIANO

Avenida José da Costa Mealha, 148

LOULÉ

Emílio Campos Coroa

MEDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

CONSULTAS EM LOULÉ,

NO CONSULTÓRIO DO DR. JORGE DE ABREU

às 2.ª e 5.ª feiras, a partir das 13,30 horas.

Caixa Postal 1747

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Janeiro

Em 6, a menina Deonilde Morgado Martins e o sr. Sebastião Mendonça, residente em Faro e a sr.ª D. Maria José Rocha Carapeto Silva Pereira.

Em 8, a menina Maria Helena Correla Contreiras e o menino José Manuel Sousa do Nascimento.

Em 9, a sr.ª D. Laurinda da Ponte Gonçalves Madeira, residente em Vila Real de Santo António, os srs. Eleutério Gomes, e Daniel de Sousa Domingos, residente em Lisboa.

Em 10, a menina Orlanda Maria de Sousa Luís Ramos, a sr.ª D. Maria Josefina Guerreiro Rua Frade Lory e o sr. Francisco Andrade Ferreira.

Em 11, o sr. Sebastião Marçal de Castro.

Em 12, as sr.ªs D. Zídia Costa Nordeste dos Santos Vaz, D. Maria Elizabeth Mendes Esteves e D. Cândida de Brito Cecília, residente no Palmeiral.

Em 14, a menina Maria Catarina da Franca Rodrigues Cebola e a sr.ª D. Lídia Modesto dos Santos Vaz.

Em 15, a sr.ª D. Maria Quitéria Ramos.

Em 16, os meninos António Vila-Lobos de Carvalho Santos e Carlos Alberto Simão Maia e a menina Maria Amélia Coelho Guia, residente em Grandola.

Em 19, o menino Aristides Leal Alho.

PARTIDAS E CHEGADAS

— De visita a sua família, esteve em Loulé o nosso prezado amigo e assinante sr. Tenente Orlando José Sequeira da Silva, que presentemente se encontra a prestar serviço no Grupo Divisório de Carros de Combate, em Santa Margarida.

— De visita a sua família, esteve em Loulé com curta demora o sr. Brigadeiro da Aeronáutica Ponte Rodrigues.

— Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção, na companhia de sua esposa, o nosso prezado assinante e amigo sr. Adelino Eusébio Mendes, residente em Lisboa.

— Na companhia de sua esposa, a nossa conterrânea sr.ª D. Ana Guadalupe Campina, esteve alguns dias em Loulé o sr. Damião Guerreiro Fernandes Braga, residente em Guimarães.

— Partiu de avião para os Açores, o sr. Eng.º José Maria Teixeira Farrajota Cavaco, Director da firma CONSIL — Centro Consultivo Químico Industrial, Lda., afim de inspecionar os trabalhos que aquela organização tem em curso nas Ilhas Adjacentes.

— Na companhia de seus filhos e esposa, a nossa conterrânea sr.ª D. Inácia Mendonça Reis e Sousa, esteve em Loulé com curta demora o sr. José Peysson Reis e Sousa, residente em Lisboa.

— De regresso de Timor, onde residia cerca de 10 anos, encontra-se em Loulé acompanhado de seus filhos e esposa sr.ª D. Maria Fernandes Alves de Sousa Cachola, o nosso conterrâneo e prezado amigo sr. Manuel de Sousa Gonçalves Cachola.

PEDIDO DE CASAMENTO

Pelo sr. Adelino Francisco da Silva conceituado industrial nesta vila e esposa sr.ª D. Maria Tomaz Sequeira da Silva, foi pedida em casamento, para seu filho sr. Tenente Orlando José Sequeira da Silva, a sr.ª D. Letícia Isabel Mascarenhas Netto Cardoso, preñada filha do distinto advogado em Silves sr. Dr. João Rocha Cardoso, e de sua esposa sr.ª D. Letícia Adelaide Mascarenhas Netto Cardoso.

O pedido teve lugar em Silves no passado dia 23 de Dezembro, devendo o enlace realizar-se brevemente.

CASAMENTOS

— No dia 26 de Dezembro, realizou-se na Figueira da Foz o enlace matrimonial da nossa conterrânea sr.ª D. Zélia Rico Santana, filha da sr.ª D. Fernanda Rico Santana e do sr. Virgílio Oliveira Santana, proprietário da «Garage Lisboense» desta vila, com o sr. Eng.º Reinaldo Homero Machado de Andrade, filho da sr.ª D. Maria do Céu Ferreira M. de Andrade e do sr. Aloísio A. Machado de Andrade, (ambos professores aposentados).

Paraninharam o acto, por parte da noiva, a sr.ª D. Isaura A. Pacheco e seu irmão sr. José Alves Pacheco e, por parte do noivo o sr. Dr. José A. de Oliveira e sua esposa.

Após a cerimónia foi servido um finíssimo e abundante copo de água no Hotel «Praia da Figueira da Foz», tendo o jovem

casal seguido em viagem de nupcias para a Capital.

Os noivos fixaram residência em Leiria, onde ambos são professoras na Escola Técnica.

— Teve lugar em Olhão, no passado dia 25 de Dezembro, o enlace matrimonial da sr.ª D. Georgina do Carmo Vinhas, gentil filha da sr.ª D. Maria Lopes e do sr. João Vinhas, com o sr. Rogério Augusto Ferro Dias, empregado na E. V. A., filho da sr.ª D. Maria do Natal Reis Ferro Dias e do nosso amigo sr. Augusto Dias, empregado na Tipografia União, de Faro.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, sua cunhada e seu irmão, sr.ª D. Domingas Quintino Vinhas e sr. João Martins Vinhas, e, por parte do noivo, seus tios, sr.ª D. Vitória Cabrita Ferro e sr. José Orlando Reis Ferro.

Foi celebrante o Rev. sr. Cônego Dr. António Baptista Delgado. Ao novo casal, que fixa a sua residência em Faro, desejamos as maiores venturas.

— Na igreja de Santo António do Estoril, realizou-se no dia 31 de Dezembro o casamento da nossa conterrânea sr.ª D. Adelaide dos Santos Garrocho, filha da sr.ª D. Maria da Ascensão Guilherme e do sr. Joaquim Martins Garrocho (já falecido) com o sr. José Manuel Sobral Marques, filho da sr.ª D. Alzira Sobral Marques e do sr. José António Marques.

Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus primos, sr. Adelino de Sousa Ferreira e sua esposa sr.ª D. Vitalina Martins Guilherme Ferreira e, por parte do noivo o sr. Joel Ferreira Duarte e sua esposa sr.ª D. Isabel dos Santos Garrocho Duarte, irmã da noiva.

— No passado dia 20 de Dezembro realizou-se na Igreja Matriz desta vila, a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria Helena Silvestre Cabrita Viegas, filha da sr.ª D. Aurélla Silvestre do Adro Viegas e do sr. Manuel Cabrita Viegas, proprietário em Alte, com o sr. Filipe Luís da Graça de Brito, estudante de Engenharia e acordeonista da Rádio, filho da sr.ª D. Maria da Graça de Brito e do sr. José de Brito, comerciante em Esteval (Almançil).

Serviram de padrinhos por parte da noiva, seus tios, sr. Virgílio Frade da Cruz, e esposa sr.ª D. Lisete Silvestre Viegas Cruz, e por parte do noivo seu irmão sr. José da Graça de Brito, e esposa, sr.ª D. Maria do Carmo Barros Lourenço de Brito.

Após a cerimónia foi servido um abundante «copo de água» em casa da avó da noiva, tendo os noivos, seguido para Lisboa, onde fixaram residência.

Aos novos casais endereçamos os nossos parabéns e formulamos votos por uma vida conjugal plena de felicidades.

FALECIMENTO

— Com a idade de 77 anos, faleceu nesta vila no passado dia 4, do corrente, o sr. João Maria Castanho, natural de Abrantes e que há cerca de 30 anos fixara residência em Loulé ao estabelecer-se com a «Pensão Castanho», disfrutando aqui de gerais simpatias pela afabilidade do seu trato e lhanesa de carácter.

O saudoso extinto deixa viúva a sr.ª D. Julieta Reis Castanho e era pai da sr.ª D. Maria Sílvia Castanho Laginha e dos srs.: Hugo Arlêrio Castanho e Vítor Costa Castanho e sogro do sr. João de Deus Martins Laginha e das sr.ªs D. Maria da Piedade Pires Castanho, D. Maria da Conceição Caracol Castanho e D. Aline Vaz Mamede Castanho.

A família enlutada apresenta-nos sentidas condolências.

Mecânica geral

Executam-se com perfeição e rapidez, todos os trabalhos de mecânica geral e torno.

Avenida José da Costa Mealha, 175 - Loulé.

Lembramos

a todos os nossos assinantes que desejem pagar as suas assinaturas anualmente, a conveniência de nos avisarem, evitando assim que façamos a cobrança de 3 em 3 meses.

Porque são muito elevados os encargos com os serviços da cobrança, ficamos muito gratos aos nossos prezados assinantes que queiram ter a gentileza nos enviar directamente as respectivas importâncias.

Vereações Municipais 1956/59

Terminou há pouco o seu mandato a vereação da Câmara Municipal de Loulé do quadriénio 1956-59, durante o qual foram tomadas importantes deliberações que se têm reflectido no desenvolvimento económico do concelho e terão decisiva importância para o seu futuro.

Foram seus componentes os srs. Amadeu Pedro da Cruz, Adelino de Sousa Ferreira, Filipe Leal Viegas, Joaquim Pedro Madeira, José Rosal Costa e Dr. Manuel Mendes Gonçalves, que deram provas de espírito de sacrifício e boa vontade em servir os interesses do Município com manifestação de prelujo das suas ocupações profissionais, sendo por isso forçosamente reconhecidos os serviços assim prestados à causa pública.

1960/63

Já entrou no exercício das suas funções a nova vereação municipal de Loulé, a quem há dias foram distribuídos os seguintes pelouros:

Presidência: Secretaria, Tesouraria, Finanças, Obras, Matadouro, Mercados e Feiras; Amadeu Pedro da Cruz; Assistência e Bombeiros; Eduardo Delgado Pinto; Jardins, Arborização e Parque da Vila; João Farrajota Alves; Água e Luz; João de Sousa Murta; Freguesias Rurais; Dr. Manuel Mendes Gonçalves; Cultura e Turismo e Sebastião Rodrigues Marques; Higiene, Limpeza e Cemitério.

Tendo coincido a posse do novo Presidente da Câmara com a nova Vereação, há fortes motivos para que, duma conjugação de esforços comuns, resulte trabalho profícuo a bem de Loulé e de todo o seu concelho.

A população espera e confia que os novos elementos agora chamados a prestar o seu curso na administração local pretem o melhor do seu esforço e boa vontade na resolução dos problemas que se lhe depararem, tendo em vista os superiores interesses da comunidade.

Joaquim Madeira Teixeira

A seu pedido, foi colocado na comarca de Grandola, o solicitador encartado e nosso prezado amigo sr. Joaquim Gil Madeira Teixeira, que há cerca de 15 anos fixara residência em Loulé, onde grangeou merecida simpatia de quantos com ele privaram.

Fazemos votos pelas suas prosperidades profissionais.

Chefe de Escritório - Guarda-livros - Chefe de Secção

Ainda colocado em grande empresa de África, desejaria fixar-se na metrópole. Possui carteira profissional de guarda-livros, passada pelo Sindicato de Lourenço Marques e dá as melhores referências. Nesta redacção se informa.

Perfumaria da Moda e Retrosaria TRESPASSA-SE

Por o seu proprietário não poder estar á frente do estabelecimento, trespassa-se a Perfumaria da Moda e Retrosaria, com toda a existência. Fundada há mais de 20 anos, muito atrevesada e situada no melhor local da vila.

Dão-se facilidades de pagamento e descontos especiais sobre os preços de factura.

Tratar com Eduardo Correia. Telef. 82.

LOULÉ

Grande Baixa de Preços!!! em LOUÇAS SANITARIAS

e Lavatórios de várias medidas

APROVEITE AGORA O DESCONTO ESPECIAL 25%

AZULEJOS: De 2.º 1\$10 De 3.º \$80

Casa JOÃO DE OLIVEIRA Av. Marçal Pacheco LOULÉ

Eng. Júlio Cristovão Mealha

No momento em que acaba de assumir as suas funções o novo Presidente da nossa edilidade, não deixa de ser oportuno dedicar algumas palavras ao sr. Eng. Júlio Cristovão Mealha, Vice-Presidente em exercício durante cerca de um ano e durante o qual serviu o concelho com elevado critério, procurando a solução adequada para os complexos problemas que se lhe depararam durante a sua curta gerência.

Entre as obras levadas a efeito durante esse espaço de tempo, contam-se como as mais importantes a iluminação da Avenida José da Costa Mealha, reparação de algumas estradas municipais, construção das novas salas de aula para a Escola Técnica e o prosseguimento da electrificação do concelho, cujo ritmo não foi tão acelerado como seria para de-sejar por demoras provocadas pelos empreiteiros.

Estamos certos que a experiência da administração adquirida durante a sua estada na Presidência, proporcionarão ao sr. Eng.º Mealha elementos valiosos para que na Vice-Presidência possa continuar a ser útil à sua terra.

«A VOZ DE LOULÉ»

Informamos os nossos prezados assinantes que os preços das assinaturas são os seguintes:

Trimestre	7\$00
Semestre	14\$00
Ano	25\$00
Ano (Ultramar)	30\$00
Ano (Ultramar-Avião)	60\$00
Ano (Estrangeiro)	37\$50
Ano (Estrang.-Avião)	85\$00

Os recibos enviados à cobrança têm um aumento de 1\$50, qualquer que seja a importância.

Por não haver serviço de cobranças para a África nem estrangeiro, muito agradecemos aos nossos prezados assinantes a residentes, o especial favor de nos remeterem as importâncias das suas assinaturas pelo processo que mais lhes convenha.

Confirmação

E' efectivamente de bom gosto o fatinho que vem fotografado no alto da 4.ª coluna, pág. 9, do n. 194 deste jornal, publicado em 20/12 último, fatinho que é um exclusivo da CASA NATAL de Mendes & Mendes, L.ª, onde foi adquirido.

Agradecemos a publicidade feita pela concorrente, que reconhece, realçando-o, o bom gosto dos nossos modelos.

Mendes & Mendes, L.ª

ALMOÇO de confraternização

No passado dia 2 do corrente, a convite dos componentes ainda vivos, da vereação da Câmara que há 25 anos, foi presidida pelo então Capitão Manuel de Sousa Rosal Júnior, reuniram-se num almoço de confraternização todos os antigos presidentes da Câmara de Loulé desde 1926 para cá, com excepção dos falecidos Dr. José Joaquim Soares, José Cláudio da Silva Mendes, Artur Baptista Sequeira e Francisco José Faisca Teixeira.

A esta reunião que teve lugar no «Restaurante Duas Sentinelas», compareceram os srs. Coronel Sousa Rosal (que exerceu as funções de 2-6-34 a 26-10-35); José da Costa Guerreiro (de 23-10-35 a 25-1-46 e de 12-9-51 a 5-1-56); Dr. Aires de Lemos Tavares (de 11-2-46 a 12-9-51); Dr. Maurício Serafim Monteiro (de 11-2-56 a 4-9-57); José João Ascensão Pablos (de 4-9-57 a 14-1-59) e o actual presidente sr. Francisco Guerreiro Barros.

Da vereação de há 25 anos, de que faleceram João Caetano de Sousa Leal e Gaspar Fêria Martins Domingues, estiveram presentes, os srs. Dr. Quirino Mealha, João Valadares d'Aragão Moura, Albano Maria d'Aragão Faisca e António Caetano.

O almoço que decorreu com verdadeiro sentido de confraternização, revelou o espírito de unidade que, decorridos mais de 20 anos animava os homens desse tempo, que, aquecidos por um ideal comum, se cimentaram em verdadeiras amizades que as vicissitudes da vida não esmoreceram.

No final usaram da palavra para se congratularem com esse facto, os srs. Coronel Rosal, Dr. Maurício Monteiro, José da Costa Guerreiro, Manuel Guerreiro Pereira e Francisco Guerreiro Barros.

Bairro Municipal de LOULÉ

Pedem-nos alguns moradores do Bairro Municipal que chamemos a atenção de quem de direito para que sejam tomadas medidas no sentido de pôr termo ao estado de abandono em que se encontram algumas das ruas que naquele populoso bairro são autênticas estrumeiras, em parte devido à falta de cuidado dos respectivos moradores, mas principalmente por falta de carros municipais de limpeza que naquela zona primam pela ausência.

Também é notório o despeito de alguns moradores que não cuidam devidamente da área que lhes pertence, o que empresta ao Bairro Municipal um aspecto pouco agradável a quem o visita.

Ecos do AMEIXIAL

Foram recentemente empossados, em cerimónia aqui realizada, os membros da nova Junta de Freguesia, tendo sido reconduzidos o presidente, o tesoureiro e um vogal substituto, que passou a efectivo.

Estas entidades já deram provas do valor e do que são capazes de fazer, portanto já sabemos com o que temos de contar.

As nossas atenções estão agora voltadas para o novo vogal da Junta o nosso amigo José Lúcio, de cuja actividade esperamos se faça sentir em prol desta mal-fadada freguesia que, bem merece que lhe dediquemos mais atenção e carinho. O nosso amigo José Lúcio, que de vogal substituto passa a vogal efectivo da nova Junta, sabe bem quais os melhoramentos que esta freguesia mais carece, e deseja ver realizados no mais curto prazo de tempo. Por isso esperamos que a sua actividade se desenvolva para bem da freguesia, e deste Ameixial, que aguarda que os seus filhos, cumpram sem favor, o dever de trabalhar pelo seu progresso. José Lúcio vai pôr à prova o seu baírrismo, a sua dedicação e amor por esta terra que lhe foi berço, e onde passou a sua juventude.

O Correspondente

Angel Delgado Perez

Com a avançada idade de 75 anos, finou-se em casa de sua residência nesta vila, no passado dia 2 do corrente, o conceituado comerciante desta praça e nosso prezado amigo e assinante sr. Angel Delgado Perez, natural de Vila Nueva dos Castelejos (Huelva), tendo vivido 56 anos em Loulé, pois fixara aqui residência em 1903, ao empregar-se no estabelecimento de seu tio Pablo, figura muito popular desse tempo nesta vila.

Em 1913 casou com a nossa conterrânea sr.ª D. Beatriz Augusta Guerreiro Delgado e nesse mesmo ano abriu o seu estabelecimento de fazendas, sendo portanto, à data do seu falecimento, o mais antigo comerciante da nossa praça e o último membro da numerosa colónia espanhola que se estabeleceu em Loulé no princípio deste século.

É curioso notar que, apesar do longo afastamento da sua terra, nunca perdeu o sotaque espanhol, que lhe era tão peculiar.

Comerciante de exemplar honestidade, soube grangear numerosa e dedicada clientela, sendo muito estimado por quantos conheciam a sua afabilidade de trato, contando por isso grandes amizades e disfrutando de muita simpatia no nosso meio.

O saudoso extinto era pai da sr.ª D. Beatriz Delgado Guerreiro Rollim, e dos nossos particulares amigos e assinantes srs. Drs. Angelo Delgado Guerreiro, Presidente da Comissão Concelhia da União Nacional e João Delgado Guerreiro, químico-farmacêutico no Laboratório Jaba e sogro do sr.ª Dr.ª D. Maria Regina Sintra Delgado e Maria Henriqueta Santos Delgado e avó de Angelo Sintra Delgado, Alvaro Jorge Delgado Rollim, João Eduardo Sintra Delgado, João Angelo, Alvaro José, Maria Beatriz e Pedro Manuel Santos Delgado.

O seu funeral, que foi um dos mais concorridos que nos últimos anos se têm realizado em Loulé, constituiu sentida manifestação de pesar e foi testemunho da simpatia que o saudoso extinto gozava nesta vila.

A família enlutada endereça «A Voz de Loulé» sentidas condolências pelo infausto acontecimento.

EDITAL Recenseamento Militar

Rui Eduardo da Glória Centeno, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Loulé.

Faz saber que todos os mancebos que, no próximo ano de 1960 completarem 20 anos, e que sejam naturais deste Concelho, são obrigados a participar nesta Secretaria, durante o próximo mês de Janeiro, que chegaram à idade de serem inscritos no Recenseamento Militar.

Igual participação deve ser feita pelos pais, tutores, ou pessoas de quem os mancebos dependam, o que se faz público, para conhecimento dos interessados e para que quaisquer pessoas possam apresentar os esclarecimentos que julgarem convenientes.

Loulé, 30 de Dezembro de 1959

O Chefe da Secretaria, Rui Eduardo da Glória Centeno

Participações de nascimento

em modernos e interessantes modelos, executam-se na Gráfica Louletana.

PRÉDIO

Por motivo de retirada vende-se um prédio de 1.º andar na Rua da Piedade n.º 42, 44 e 46, com 8 divisões e varanda, e um amplo armazém no rés-do-chão.

Tratar com Joaquim Anica (pedreiro) — Campina de Cima — Loulé.

Dr.ª Maria João Correia

MÉDICA-ESPECIALISTA

Interna de Obstetrícia e Ginecologia dos Hospitais Cívis de Lisboa

Consultas aos Sábados às 10 horas.

VINHOS



Garantia de qualidade

A POSSE DO SR. PRESIDENTE DA CAMARA

(Continuação da 1.ª página)

Concelhia do organismo a que distritalmente preside e bordou algumas considerações sobre a política local.

Em nome das Juntas das freguesias rurais, falou o sr. José Cavaco Vieira, prestigioso e dedicado presidente da Junta de Freguesia de Alte que aproveitou a circunstância para, ao saudar o sr. Francisco Guerreiro Barros, chamar a sua atenção para as necessidades e situação das populações rurais.

Finalmente falou o empossado que, depois de ter agradecido às Comissões políticas a indicação do seu nome para o desempenho do cargo que assumira, ao sr. Ministro do Interior a sua aceitação e aos presentes a solidariedade que lhe significavam, justificou-se dizendo:

Três imperativos pesaram na minha deliberação de aceitar este cargo.

1.º — O dever de filiado na União Nacional a cujas directrizes me habituei a obedecer, para onde e quando for chamado;

2.º — O exemplo e lição do CHEFE que não conhece limites na abnegação de servir;

3.º — O coração de louletano desperto em mil e umas evocações dos tempos, das pessoas e das coisas já distantes.

Depois de aludir à disciplina e sacrifício com que, por vezes, o filiado tem de servir, afirmou:

E nem pense ninguém que estas responsabilidades de filiação estão isentas de dissabores e desgostos. Ponto é que, ressaltados casos excepcionais de dignidade e honra ofendidas, não se transformem agravos mínimos meramente pessoais, em irredutibilidades políticas, mórmente entre os que indefectivelmente comungam dos mesmos ideais. As pessoas passam e morrem; as ideias ficam e perduram.

Focando o momento político que vivemos e sem deixar de evocar a obra do sr. Presidente do Conselho de quem, por vezes os que dizem servir a situação política se não lembram, o sr. Guerreiro Barros disse:

Todos sabem que o mundo político vive em constantes agitações e que no momento que passa uma campanha se desenvolve contra nós, camuflada de democracia, mas que no fundo não é outra coisa senão o rugir dos ventos apocalípticos do leste. E o mais triste é ver que os agentes dessa destruição já não se encontram fora das fronteiras. Tempos, infelizmente cá dentro. O alvo dessa campanha é precisamente — O Chefe — Salazar, a quem a Nação deve a obra grandiosa do seu ressurgimento: Ninguem na História, jamais o ultrapassou, nem o igualou em trabalho, abnegação e sacrifício, Honremos, portanto o Chefe, servindo-o, servindo a Nação, seja qual for a trincheira em que nos coloquem.

Definindo a sua posição quanto às funções assumidas continuou:

Vim, sobretudo, para servir a nossa terra e fazer por ela, se for possível, tanto como outros dos seus filhos o fizeram, em abnegação, esforço, em acrisolado amor, com indiscutível mérito. Apresse-me neste momento tributar a todos, os meus louvores, sem reservas. Se Loulé é uma Vila progressiva foi porque os seus servidores não dormiram perante os impulsos dos seus anseios e aspirações.

Não trago programa especifi-

EDITAL Recenseamento Militar

Rui Eduardo da Glória Centeno,
Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Loulé.

Faço saber que, ao abrigo do disposto na quarta parte do art.º 9.º da Lei n.º 2034, de 18 de Julho de 1949, os indivíduos em idade de ser incluídos no recenseamento militar, residentes neste concelho há mais de um ano, podem por ele ser recenseados desde que solicitem a sua inclusão no mapa respectivo em requerimento dirigido ao Ex.º sr. Presidente da Câmara Municipal acompanhado de atestado de residência passado pela Junta de Freguesia e de uma certidão de nascimento, que pode ser substituída pela apresentação do bilhete de identidade.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares do costume.

Câmara Municipal do Concelho de Loulé, 30 de Dezembro de 1959.

E eu, Rui Eduardo da Glória Centeno, Chefe da Secretaria, o subscrevi e assino.

O Chefe da Secretaria,
Rui Eduardo da Glória Centeno

cado, no domínio das realizações municipais. Seria veleidade incorporar num esquema programático o conjunto de problemas que se nos deparam, das mais variadas nuances, de maior ou menor grau de preminência, de maior ou menor soma de encargos.

O que me pareceu mais prudente e acizado é começar por uma análise aos recursos financeiros do município, a prazo e a prazo, e dentro dessa estrutura introduzir aquelas obras e aqueles melhoramentos mais compatíveis com aqueles recursos. Sem embargo, reconheço que em certos aspectos temos de começar a actuar e depressa, porque há coisas dentro do concelho que não parecem estar muito certas nem de harmonia com o prestígio que se pretende dar-lhe.

Que ninguém se iluda, porém. As coisas não hão de sobrevir de improviso e em catadupas, nem deixarão de importar em grande dispêndio de esforços, de persistência e tenacidade e até em alguns sacrifícios que são sempre o preço de tudo o que se conquista. Maior, portanto, o dever de reciprocidade.

Sabemos que não é fácil a nossa tarefa. Mas não haja por isso desânimos.

Os homens fizeram-se para lutar e aquele que não luta jamais saberá o que é viver. Ponto é que todos nos compreendam e ajudem a suprir as nossas deficiências.

Não oculto que sempre tendo tido especial predilecção pelas freguesias rurais e aglomerados populacionais do campo. Ou por influência do meio rural em que nasci ou por sincronização com as realidades dos tempos em que vivemos, consagro uma atenção carinhosa aos mais humildes que por isso e pelo relevante papel que desempenham na política social e económica da Nação, bem merecem que prestemos atenção às suas legítimas aspirações. E este pendur da minha inteligência e simpatia, cada vez mais o sinto enraizado, na medida em que a vejo confirmada na orientação do nosso Governo e dos Estados modernos.

São nove as nossas freguesias, dispersas numa área relativamente grande.

No que tenho lido e ouvido recentemente já se encontra vasta matéria para ponderar. Tudo se tem anotado, mas o que me parece mais prático é reservar alguns dias para exame directo e discutir com os imediatamente interessados as soluções viáveis para cada um dos seus problemas.

É difícil fazer uma administração vigilante numa zona tão dispersa e afastada da cabeça do Concelho. Aqui se há de apelar, para a estreita colaboração dos srs. Presidentes das Juntas de Freguesia, na certeza, que lhes asseguro de que, quanto mais diligentes forem, mais dignos serão daquela predilecção de que atraz lhes falei.

Fala-se e escreve-se hoje abundantemente sobre TURISMO como base muito valiosa da nossa riqueza Nacional, e cá por baixo já se vão notando as primeiras manifestações de espírito de grandes iniciativas, concretizadas no plano hoteleiro, capaz de satisfazer as exigências actuais e futuras dos nossos visitantes. Começa-se a resolver o problema turístico de cima para baixo, isto é, dos grandes empreendimentos mais difíceis, e exigentes de investimento de capitais que só os recursos regionais não poderiam normalmente enfrentar. Ainda bem.

Mas esta euforia de turismo em alto nível, terá de descer às minúcias, até as pequenas coisas que se devem integrar no conjunto, nos contornos, desde o centro à periferia que hão de envolver o gosto e a observação do visitante, que certamente não se contentará somente com comer,

Dr. Júlio Dantas

(Continuação da 3.ª página)

as maiores tiragens e êxitos, sendo um dos mais traduzidos e conhecidos no estrangeiro.

A sua vasta obra literária, desde o *Nada*, em 1895, até *Marcha Triunfal* — 1954, é, valiosíssima.

Tão ilustre comprovanciano e eminente escritor, foi eleito académico de honra da Real Academia Espanhola, de que era correspondente há vinte anos.

Tão alta distinção, pela primeira vez concedida a um português, encontrou, como era natural e justo, a mais perfeita unanimidade de votos.

O altíssimo talento do eminente escritor nascido em terras algarvias, como tal, o vulto de maior projecção intelectual de que o Algarve se orgulha, foi alvo de uma altisonante e justa homenagem: Doutor Honoris Causa conferida pela douta Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Distinção de primeira grandeza, consagração ao seu altíssimo talento.

L. S. P.

dormir melhor e respirar o ar lodado das praias.

Todos temos de fazer turismo — turismo interno dirigido aos de casa que também precisam de boas estradas e caminhos, de luz e água, de limpeza e higiene, do alindamento das nossas praças e jardins, do bom gosto e aformoseamento das fachadas dos nossos edifícios, da extinção da mendicância, da melhor assistência e protecção aos desvalidos — um mundo enfim de pequenas grandes coisas que é preciso enfrentar com coragem, paralelamente aos grandes empreendimentos. É preciso considerar que há turistas que não desejam deixar-se embalsamar dentro da sumptuosidade dos hotéis e que não vindo em linha recta de avião intercontinental do ponto de partida ao terminus, farão escalas para fruir em toda a plenitude as delícias turísticas do nosso Portugal.

Será pesada a tarefa que as exigências modernas nos impõem, mas urge que cada um no seu sector pense nela, porque o apoiar-se de progressiva uma vila, não é um cartaz vazio de conteúdo, em que ninguém já se deixa iludir à luz das realidades que nos cercam. De resto, tudo isto é administração.

Dirigindo-se à vereação a quem ofereceu e pediu colaboração e terminou com as seguintes palavras dirigidas à Imprensa:

Apetecia-me solicitar também a vossa colaboração se não reaceasse que a levem à conta de temor ou de desejo de furtar-me à crítica ou à censura dos jornais. Nada mais errado. Eu gosto e aprecio em alto grau a crítica construtiva, não aquela que se faz ao entardecer, já quando as nuvens sombrias dos despetos e das paixões ganharam aleturas.

Gosto da crítica à luz do dia, clara, nascida das luminosidades da razão e da inteligência, perfumada das complacências do coração que tem de ser generoso, como o do mestre a corrigir os ignorantes, ou dum amigo coadjuvando outro amigo em busca da justiça e da verdade.

Sirvo-me de palavras que li algures: assim concebida, a crítica é para nós condição indispensável de progresso e de acerto. Mas quando ela se reduz a simples manifesto de insatisfação ou quando essa insatisfação se constitui um fim em si próprio, uma como que pura atitude de snobismo ou de impotência, então a crítica não pode mais exceder a sua missão positiva de orientadora: transforma-se em factor de perturbação da inteligência, em germe de desalento, a minar a alma e o corpo de quantos não têm força de resistir-lhe.

Mas se puz reticências num apelo de colaboração, nada me embarga a voz ao oferecê-la no mais rasgado anseio de que todos contribuamos para o ressurgimento da nossa terra, da nossa província, da nossa Pátria.

Todos os esclarecimentos serão dados, todos os alvites, sugestões e conselhos serão ouvidos e estudados. Portas abertas para todos, sem formalismos nem protocolos, em taboa raza de amigos, à maneira peculiar dos louletanos.

E termino com o meu repetido muito obrigado. VIVA LOULÉ.

Muito aplaudido, os novo presidente foi muito cumprimentado depois de o sr. Governador Civil ter encerrado a sessão.

Como ligeiro comentário a estas breves notas, de reportagem, limitamo-nos a assegurar ao sr. Guerreiro Barros toda a nossa colaboração, dada com o espírito que animou as suas palavras: apoio em tudo que o mereça e crítica construtiva em tudo quanto seja a bem de Loulé.

Formulamos votos por que o novo presidente do Município consiga reconduzir o Concelho às suas tradições de progresso e com o seu prestígio, isenção e clareza, possa promover a unidade dos que, indeputavelmente comungam nos mesmos ideais, pois mesmo na administração municipal não há problema administrativo de projecção que possa ser resolvido sem reflexos de uma ou de outra orientação política, isto é sem confirmar, negar, ou traír princípios.

Trespassa-se

Por motivo de retirada trespassa-se o Restaurante CONDE (junto ao Mercado).

Tratar com os proprietários

EMPREGADA Precisa-se

nesta redacção se informa.

Falar de Loulé

(Continuação da 10.ª página)

Já várias vezes temos feito sentir neste jornal que, de número para número, vem mostrando o seu interesse pelo progresso da terra, onde, infelizmente, quase tudo que traduzia interesse, da nobre Vila de Loulé, hoje, quase tudo se deturpa, umas vezes por maldade encapotada, e outras por comodismo — por inferioridade de espírito em qualquer dos casos.

Tudo que temos escrito a respeito de Loulé é dos seus filhos tem sido muito sincero, como convicção, julgando não ter dado a ninguém motivos para afirmar o contrário e sem sermos ainda irredutíveis à verdade.

Se discordam de nós, combatam as nossas opiniões. Digam-nos onde e como não dizemos a verdade, porque então seremos nós os primeiros que confessaremos os nossos erros, que deles nos penitenciaremos, que daremos o seu ao seu dono.

Enquanto, porém, não houver quem nos demonstre que não dizemos a verdade, continuaremos a apresentar as nossas opiniões e que nos poupem a comentários que só se podem fazer a quem erra de má fé.

A verdade é que se os habitantes de Loulé estivessem sempre unidos e decididos a defender os interesses da terra, sem dúvida já os poderes públicos lhe dariam a consideração a que ela tem direito.

Isto que acabamos de expor é a expressão sentida de uma louletano amigo da terra, que reconhece ter estado nos costumes de muitos, e já como regra inviolável seguida por alguns o esquecimento dos deveres de cidadãos, por quem a nossa pena é impiedosa, mas justa, mas conservando sempre uma certa independência, porque quem não se domina a si próprio, deixa-se dominar pelos outros.

Não bastam só palavras para se conseguir o que se necessita, mas para tal precisa-se boa vontade para se protestar contra actos repreensíveis cometidos por alguns louletanos, felizmente poucos, seria para nós um gesto cobarde que nunca fomos, do qual havíamos de ter vergonha, por isso nunca tememos erguer a voz contra todos que são menos que mediocres e que se julgam superiores aos outros que ovulham os méritos que possuem, de todos aqueles que não sintam pulsar os corações perante a terra que lhe foi berço, a terra que é presentemente uma vila moderna e movimentada com as suas ruas largas e limpas, cheia de luz e de grande amenidade de clima, ao encanto da sua paisagem sem igual.

Loulé tem dado, apesar da indolência de uns e do não ter rales de alguns dos seus filhos, sinais de grande vitalidade, com o seu grande comércio e a sua conhecida indústria, que muito tem contribuído para o seu progresso.

Uma terra nestas condições não morre, tem de progredir, porque progredir é a lei suprema deste povo.

Augusto C. Bolotinha

ECOS DE SALIR

(Continuação da 10.ª página)

ram. De quando em quando aparece uma brigada de homens a trabalhar, pondo ferragens, tirando ferragens, marcando postes, colocando postes etc. Quer dizer o tempo vai passando e nós temos de ir esperando e as instalações a estragarem-se por não servirem a não ser para poiso de moscas. E vá lá que já servem para alguma coisa...

O que dará origem a tão grande morosidade?

Há quem diga e é natural que isso aconteça, que algumas terras deste mesmo concelho que vão ser electrificadas, cujos trabalhos foram adjudicados em meados deste ano ainda vão beneficiar desse melhoramento primeiro que nós.

Em todo o caso aguardamos que isto se apronte e dê... luz.

Está praticamente concluída a ampliação do edifício escolar passou que a ter 4 salas, em vez de duas o que era insuficiente para a frequência.

O recinto também foi devidamente murado, o que lhe dá um magnífico aspecto.

C.



O melhor brinde para sua esposa:

A MÁQUINA DE COSTURA QUE MAIS GARANTIAS OFERECE

Agente em LOULÉ

CORREIA & PEDRO, L. DA

Largo Gago Coutinho, 16-17

Loulé e o seu Carnaval

(Continuação da 1.ª página)

O Carnaval de Loulé, traz como todos sabem, não só o tornar conhecidos os lindos recantos — que os tem muito lindos — do concelho louletano e da província algarvia como, «é um substancial auxílio para a Santa Casa da Misericórdia que vem mantendo o seu Hospital, tornando-o num dos mais modernos e bem apetrechados estabelecimentos do Algarve.

Como sequência das festas anteriores que, além do prestígio alcançado pela sua realização — valorizando-se de ano para ano — este grande e belo Cartaz Turístico que Loulé vem oferecendo, há mais de MEIO SÉCULO, a Comissão da Batalha de Flores já iniciou os trabalhos preparatórios para mais UM CARNAVAL.

Quando da nossa estadia em Loulé, em Novembro findo, quizesmos ouvir a Comissão a fim de que nos dissesse o que de algo trazia o Carnaval — 1960.

Assim foi. O nosso encontro começou pela visita rápida às novas instalações do Hospital (a que faremos pormenorizada referência brevemente), visitando depois o edifício que foi adaptado a «Arsenal» onde se encontra todo o material dos Corsos anteriores.

Foi-nos frizado que esta possibilidade de a Comissão dispor deste «Arsenal» se deve a um bom louletano que, generosamente, o ofertou à Comissão: Dr. Humberto José Pacheco. Assim, ficou defendido este património artístico, das intempéries do tempo.

A Comissão Organizadora que é composta de bons baillistas louletanos, que por certo se vão esforçar para organizar programa entusiasmante, ao alto nível, tornando a Batalha de Flores mais atraente, tanto pelos belos carros que nela tomarão parte, como ainda pelos números inéditos que tornarão mais sugestivo o Carnaval-1960.

O elemento feminino é indispensável para que a Batalha de Flores atinja a craveira de autêntica festa cheia de beleza e de exuberância folclora. Para isso, a Comissão conta, também este ano, com a colaboração de muitas senhoras da «elite» louletana, na confecção dos carros alegóricos, bem como tomando parte no «Corso», batilhando e brincando com efusiva e bem vinca da alegria, emprestando assim, com as suas graças e sorrisos, maior brilho e originalidade nos seus trajes e vestimentas, elevando a Batalha ao nível desejado.

Sem dúvida, a participação dum maior número de senhoras nestes festejos, valorizaria imenso o Carnaval de Loulé, bem como, um maior número de carros,

XXXXXXXXXXXX

Trespassa-se

Por motivo de retirada, trespassa-se estabelecimento de mercenarias, situado no melhor local da vila.

Nesta redacção se informa.

Pomar novo VENDE-SE

com área de 4.000 m.2 com abundância de água. Lindo local próximo da vila.

Nesta redacção se informa.

que muito enriqueceria o Cartaz Carnavalesco louletano.

Uma certeza conta já a Comissão: de que o Corso de 1960 será mais folgazão e divertido; apresentará mais originalidade na confecção dos carros que as freguesias vão mandar como seus representantes; onde predominará a Arte, a Beleza, o Brilhantismo e o tradicional «baillismo» que terá o condão de embelezar o ambiente folgazão e entusiasmante louletano.

Isto é já alguma coisa de novo e de característico que vamos assistir em Março.

Uma Batalha de Flores constitui uma festa criadora de beleza e de originalidade, factores estes, que imprimem ao Carnaval de Loulé, a fama que gosa no País e além fronteiras.

A 53 anos de distância, já consagrado nas suas Bodas de Ouro, o Carnaval de Loulé, figura no primeiro plano das realizações anuais, COMO UM AUTENTICO CARTAZ TURISTICO DO ALGARVE.

Portanto, importa que as raparigas e as senhoras louletanas venham, em maior número, com a sua garbada e elegância, cooperar nesta jornada que se avizinha e que, certamente, vai enobrecer e valorizar o Carnaval-1960 de Loulé.

Fazemos votos para que o CARNAVAL-1960 de Loulé, se converta em mais um êxito a juntar aos muitos que tem obtido, para HONRA DO NOSSO ALGARVE.

Luís S. Peres

VINHOS



Garantia de qualidade

Máquina de Costura

ELNA



INDÚSTRIA SUÍÇA

A mais moderna e de maior avanço na técnica em todo o mundo. Com cerca de uma centena de discos executa uma imensidade de lindos bordados, mais parecendo uma obra de magia. Faz o ponto ajour com disco, ponto Paris, casas, etc.

Agente local:

José Guerreiro
Martins Ramos

Rua de Portugal, 31

— LOULÉ —

FURGONETA

Golleart, de 1.300 kilos, caixa aberta. Com 15.000 quilómetros rodados. VENDE-SE.

Tratar com José Coelho Martins — Monte Seco — Loulé.

ECZEMA dos SEIOS e VIRILHAS

É o resultado de uma transpiração ácida

Use o DESODORIZANTE «MEDICINAL» INDIAN

Depositário: FARMÁCIA ALGARVE

Avenida de Roma, n.º 7-B

L I S B O A

EDITAL

Recenseamento Eleitoral

RUI EDUARDO DA GLÓRIA CENTENO, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de LOULÉ,

FAZ SABER, nos termos e para os efeitos do art.º 10.º, da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1960, terão início no dia 2 de Janeiro próximo futuro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

Ao abrigo do disposto nos artigos 1.º e 2.º da citada lei:

São eleitores e, como tal, recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

a) — Curso geral dos liceus;

b) — Curso do magistério primário;

c) — Curso das escolas e belas artes;

d) — Curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;

e) — Curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que, sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art. 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos n.ºs 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma de curso, da certidão ou da pública-forma respectiva, perante a comissão de freguesia ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art. 13.º da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de 5 anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

Todos os cidadãos com direito a voto poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, estado, profissão, habilitações literárias e morada.

Para constar se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo.

Paços do Concelho, 30 de Dezembro de 1959

O Chefe da Secretaria,

Rui Eduardo da Glória Centeno

Maria de Fátima Bravo

(Continuação da 3.ª página)

mãe, raras vezes as cantigas tinham tempo de chegar à sua boca.

Até que um dia, um seu terrâneo, em casa de famílias amigas, ouvindo-a, por brincadeira cantar, lhe disse ter ela possibilidades de entrar para a nossa Emissora Nacional.

Assim começou a vida artística desta nossa comprouviana, entrando para o Centro de Preparação, dirigido pelo Prof. Mota Pereira.

Em 1955, a 19 de Outubro, fez a sua estreia como profissional na E. N., cantando, como boa algarvia que é, pois escolheu-a para o seu exame perante o público que a ouvia, uma canção «Algarve de Sonho», dedicada à terra que a viu nascer, e a sua Província.

A sua voz — disse Maria de Fátima Bravo — não sabe como saiu, mas, certamente, com alma e coração, pois era o seu primeiro contacto com o numeroso auditório que a ouvia através dos postos da nossa Estação Emissora.

Logo no ano seguinte — 1956, integrada num festival aeronáutico organizado pela E. N., foi aos Açores.

O Teatro tentava-a, estreando-se em 1957, ano em que também fez a sua aparição na Televisão, onde continua a actuar com frequência.

Como vedeta da canção, tem actuado no nosso Teatro revisteleiro.

E ainda em 1957 que faz uma grande tournée pelo País, colaborando com os conhecidos artistas: Maria Dulce, Manuel Lereño, Maria Candal, Odir Odillon, Manuel Fernandes e outros.

Em 1958 tomou parte no 1.º Festival da Canção, obtendo êxito notável pelos seus números exibidos, (nós assistimos e aplaudimos-la).

A «boite» tentou-a e, nesse mesmo ano, Maria de Fátima Bravo, actuava com absoluto êxito nalgumas das melhores salas de Lisboa, como sejam: Hotel Tivoli, Casino Estoril e Hotel Embaixador.

Depois do Teatro, da Rádio, da Televisão e «boite», o Cinema acenou-lhe, e esta distinto artista, fez-lhe a vontade, filmando o filme português «Costureirinha da Sé», estreado em 1959 nos principais cinemas da Capital e do País.

A sua estreia neste género de representar, foi assinalada como um autêntico triunfo para a lacobrigense que, mesmo distante do seu Algarve, não se esquece dele, tendo muitas saudades dos seus verdejantes campos e das suas maravilhosas praias sem igual no Mundo.

Agora, Maria de Fátima Bravo só pede que Deus a ajude a fazer mais e melhor.

Estamos certos de que assim sucederá, pois as suas exuberantes qualidades de notável artista que é, contribuirá para que os seus anseios se concretizem, e isso, para regosio dos seus contemporâneos e honra da sua Província.

Uma algarvia que chegou a Lisboa e venceu pelos seus próprios méritos.

L. S. P.

Mariac Dimbla

(Continuação da 6.ª página)

as quais representa em Portugal.

Na Literatura, a nossa considerada comprouviana Mariac Dimbla, tem, apenas, dois livros publicados: «Alfinetadas» — crítica amena e «História Daquela Torre» — romance, estando para breve a publicação das suas obras máximas.

São inúmeras as crónicas, artigos e contos que tem publicado em diversas Revistas e Jornais.

Dirigiu como autora por um espaço grande de tempo a página Literária da Revista «UNIVERSO», colaborando presentemente, no «Comércio do Porto», «Jornal de Notícias», «Modas e Bordados», «Notícias de Macau», «Revista de Turismo», «Mundo Gráfico» e «Revista Vogas».

Como exímia tradutora de várias línguas, traduziu a obra de Henry Queffelec, — «Un recteur de Lisle de Sein», — apresentada entre nós com o título «DEUS PRECISA DE HOMENS».

Sem dúvida alguma, esta distinta algarvia é, também, um valor do Algarve em Lisboa.

L. S. P.

PRÉDIO

Por motivo de retirada, vende-se um prédio no sítio de Clareanes, com 6 divisões, quintal e terço. Abundância de água nas proximidades.

Junta à Estrada Nacional. Tratar no local com António Constantina da Silva ou em Lisboa com António da Silva Luís — Rua António Nobre, 49-1.º-Dt.º — Telefone 784260.

TINTAS BRILHANTES A OLEO:

SUPREMO . Kilo . . 40\$00

LUA . . . » . . 20\$00

EXCELSIOR . . » . . 32\$00

Tintas a água de várias marcas A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

Casa João de Oliveira

Avenida Marçal Pacheco

LOULÉ

Furgoneta

VENDE SE uma furgoneta **Wolkswagem**, em estado novo.

Tratar com Manuel Bartolomeu Romão — S. Bartolomeu de Messines.

VENDE-SE

Morada de casais terras e courela de terra de semear, com amendoeiras, alfarrobeiras e oliveiras. Junto à sede da Sociedade das Quatro Estradas—Loulé.

Tratar com Maria da Assunção Martins—Rua da Barbacá, 31 LOULÉ.

Transportes de Carga Louletana, L. da



AGÊNCIA EM LISBOA

Rua de S. Mamede, 24-D (ao Caldas)

Telefone 22437

Agência em Olhão:

Avenida 5 de Outubro, 22-A

Telefone 193

Largo Tenente Cabeçadas — Telef. 30 e 17

LOULÉ

Falar de Loulé

Ao começarmos o artigo vimos-nos verdadeiramente embaraçados com a grande afluência de assuntos que nos vinham à mente, mas há sempre um que nunca nos abandona o pensamento: — falar de Loulé e da sua boa gente.

Já dissemos algumas vezes e repetimo-lo-emos que julgamos oportuno fazer lembrar. Os filhos de Loulé não devem contar senão consigo mesmos, porque da política nada têm de esperar. É o que tem mostrado a experiência.

Pela nossa parte, como filho de Loulé, que nos honramos de ser estaremos, como sempre, pronto a pugnar pelos seus direitos e interesses e pormo-nos ao lado de quem dedicadamente seguir o mesmo caminho.

Não temos divergências políticas, nem rivalidades, nem indisposições pessoais seja com quem for. O bem da terra acima de tudo, como várias temos afirmado na «A Voz de Loulé», cuja acção tem sido verdadeiramente notável.

É-nos sempre agradável ao espírito falar da terra onde nascemos e da sua boa gente. Apesar de serem débeis as nossas possibilidades intelectuais conhecemo-las, mas temos a consciência tranquila que o seu peso pouco poderá influenciar no espírito de quem antecipadamente se confessa sem valor, e embora, cá tão longe, temos a coragem precisa para dizer o que se nos oferece sobre tão bela terra, sentindo o que um filho sente por sua mãe — amor puro, amor sem igual, e como Loulé é mãe de todos os louletanos, nós louletanos também, amamos a bela terra louletana, nossa mãe também.

Quando falamos de Loulé sentimos orgulho de ser filho de tão bela terra, herdeira de um património a todos os títulos notável, marcando, há muito tempo, a sua elevada posição entre as outras terras da sua categoria, dotada de importantes elementos de vida.

(Continuação na 8.ª página)

O desperdício

Indústria de Panificação

Continuamos a tocar na mesma nota, desta vez um pouco «mais afinada» pelo Regulamento desta indústria, a que se refere o decreto lei n.º 42.477, de 29 de Agosto de 1959.

Esta lei veio dizer que não quer mais indústrias caseiras para fabricarem o pão, ou seja o artigo de primeira necessidade na alimentação humana — cerca de 8.000 contos, por dia, em Portugal, — partindo do princípio que cada português comerá 300 gramas de pão por dia.

Dentro de 4 anos, como dispõe o artigo 73.º do referido decreto-lei n.º 42.477, todos os estabelecimentos de fabrico de pão, mesmo os caseiros, passam a ser industriais, e, como tal, têm que satisfazer aos preceitos dos outros industriais, que são, para os aglomerados populacionais inferiores a 5.000 habitantes, os que vêm indicados nos artigos 55.º a 58.º, ou seja, um forno com lar de 8 m.2 de área mínima, amassaria separada ou em comum com o forno, e outras exigências, como a arrecadação de farinhas, depósito de combustível, instalações sanitárias, etc.

Bem fez o legislador em exigir estes requisitos para se poder fabricar e vender pão.

De origem fidedigna, podemos informar o leitor, que a fiscalização da indústria de panificação encontrava padarias caseiras, algumas nem sequer legalizadas, a fabricar o tal pão, *extremamente saboroso*, no dizer do público consumidor, nas piores condições higiénicas. Num dos casos, a massa estava guardada numa cavarilha e, noutro, o pão amassado estava escondido entre os lençóis da cama de uma mulher bastante doente...

É isto era tanto mais de estranhar, quanto é certo que se exigia que o leite e muitos outros alimentos fossem sujeitos a cuidados higiénicos especiais.

4.ª PAGINA —>

ECOS DE SALIR

«A Voz de Loulé» festejou há pouco o seu 7.º Aniversário e incluiu um novo ano de trabalho e canseiras em defesa dos interesses da sede do concelho e das freguesias que o constituem.

A sua voz tem-se feito ouvir sempre que é necessário alvitrar uma ideia ou apoiar uma pretensão de utilidade pública ou ainda fazendo eco nas suas colunas de tudo que tiver valor noticioso. É, pois, um órgão necessário e útil a todo o concelho e merece por isso carinho e respeito de todos os seus habitantes.

Aproveito pois, esta oportunidade para, em nome dos seus assinantes nesta freguesia, apresentar ao seu proprietário e Director respeitosos cumprimentos, e votos de longa vida para continuarem a desempenhar a sua espinhosa missão.

Há mais de um ano que principiou os trabalhos da montagem da linha de alta tensão que fornecerá energia eléctrica a Salir, Benafim e Alte. Dizia-se há tempo que seria em Junho o mais tardar a sua inauguração. Entretanto já são decorridos quase seis meses após essa data, e os trabalhos ainda não terminam.

(Continuação na 8.ª página)

PRESÉPIOS

Durante a quadra própria, estiveram patentes ao público desta vila alguns presépios, cujo engenhoso bom gosto foi largamente apreciado e justificaram as felicitações dirigidas aos respectivos autores.

Referimo-nos especialmente aos presépios armados na Igreja de S. Francisco, na sede do Núcleo da Legião Portuguesa, na Casa da Primeira Infância e estabelecimento «Pfaff».

A temperatura em Quarteira

Temperaturas médias durante a 2.ª quinzena de Dezembro:
Do ar, máxima 14,9; mínima, 8,6; água do mar, 13,1.

A propósito

(Continuação da 3.ª página)

co tivemos a preocupação de fazer obra perfeita porque isso seria impossível.

Desejámos apenas assinalar a passagem do 7.º aniversário deste jornal com um número fora do normal e ocorreu-nos que seria curioso tornar conhecidos dos algarvios alguns dos muitos seus comprouvianos que na Capital lutam e trabalham, muitos deles não apenas em proveito próprio mas também pensando no bem estar alheio.

Estas palavras são muito especialmente dedicadas a quantos na «Casa do Algarve» sacrificam a sua comodidade e dão o seu dinheiro para mitigar a sorte daqueles para quem a vida foi adversa, ou ainda aproveitando todas as horas vagas das suas ocupações para se dedicarem de alma e coração a uma causa que devia interessar TODOS os algarvios mas de que, infelizmente, muitos se afastam: pugnar pelo progresso e desenvolvimento económico e turístico do Algarve.

A propósito das breves notas biográficas que publicámos, cumpre-nos esclarecer os mal intencionados que ao pretendermos realçar o valor dos nossos comprouvianos residentes na Capital não tivemos a preocupação de nos referirmos apenas a pessoas ilustres, porquanto entendemos que nem só os intelectuais têm valor. Os que trabalham no comércio, na indústria ou em qualquer outra actividade também são merecedores da nossa consideração e apreço quando, pela sua capacidade, souberam guindar-se no meio em que exercem a sua operosa actividade.

Bem nos acutelámos ao escrevermos no nosso número anterior: «O resultado do nosso trabalho está à vista. Os leitores julgarão se valeu a pena ou se seria melhor nada ter feito». E realmente talvez tivesse sido melhor nada ter feito, pois os que nada fazem limitam-se a criticar o que os outros fazem e não são criticados pelo que deixaram de fazer.

J. Barros

PRÓ-MONUMENTO DR. BERNARDO LOPES

O LOULETANO

Adelino Eusébio Mendes

grande amigo e admirador do sduoso Médico e Benemérito Dr. Bernardo Lopes, oferece «o pedicelo para o Monumento» e prontifica-se a levar a Loulé o Arquitecto para levantar o projecto

(Entrevista de LUIS S. PERES)

Mais um louletano que vem até às colunas do nosso jornal, fazer o seu depoimento sobre a construção do Monumento ao clínico e benemérito Dr. José Bernardo Lopes, secundando assim a campanha levada a efeito pela «A Voz de Loulé».

Trata-se do bom filho de Loulé, residente há muitos anos em Lisboa, o sr. Adelino Eusébio Mendes.

Pois este nosso amigo teve, para com a Comissão Organizadora, um gesto de cativante simpatia, pondo à disposição da mesma, o pedicelo em que assentará o Monumento, oferta considerada muito valiosa.

Não são, hoje, em dia, muito vulgares ofertas desta natureza, que se traduzem em valiosas ofertas, concorrendo para que uma ideia ou iniciativa de carácter filantrópico e de reconhecimento atinja o êxito merecido e justo.

É de considerar pois, a oferta deste bom louletano que, dá um bom exemplo «aos que po-

Novas perspectivas?

Precedido de judicioso comentário, teve o nosso prezado colega «Notícias do Algarve», de Vila Real de Santo António, a gentileza de transcrever no seu último número o artigo «Novas Perspectivas?» da autoria do nosso estimado colaborador Gil Brazino e publicado no número anterior deste jornal.

Os nossos agradecimentos.



dem» e tanto ficaram a dever da abnegação e estoicismo do Médico e do Homem!

Ouvimo-lo, pois:

«Como louletano e assinante da «Voz de Loulé» desde o início acompanhei o movimento pró-monumento ao Dr. Bernardo Lopes, tendo-me subscrito no princípio da referida campanha.

Mais ou menos atento às evoluções desse movimento, mas sómente pela leitura do referido jornal, verifiquei com bastante desgosto a desagregação ou cristalização dos movimentos da Comissão, certamente por factores que não são do meu conhecimento.

(Continuação na 2.ª página)

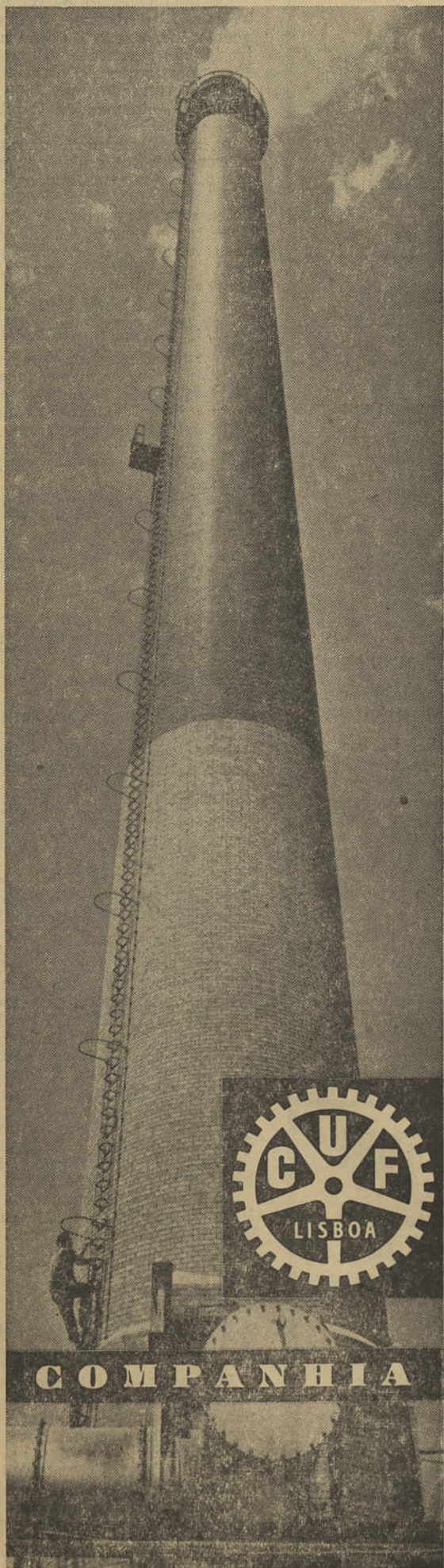
O LOULETANO

Ocasionalmente, soubemos que o Louletano Desportos Clube ficou campeão do Algarve no Campeonato Regional de Futebol, mas nada mais sabemos acrescentar porque nada entendemos de futebol e porque, em Loulé, não há quem tenha vagar de escrever para jornais.

VINHOS



Garantia de qualidade



COMPANHIA UNIÃO FABRIL

indústria química

indústria têxtil

metalurgia dos metais não ferrosos

construções e reparações navais

fundição de ferro e aço

construções metal mecânicas

A MAIOR ORGANIZAÇÃO INDUSTRIAL DO PAÍS

RUA DO COMÉRCIO, 49 — LISBOA